

BRASIL—PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1899

Emile Loubet



PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

Chronica Electrica

EMILE LOUBET

(PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANÇAESA)

Todos os acontecimentos nacionais dos últimos dias são nada a par do acontecimento internacional que levou a sua vibração a todos os pontos do globo.

Nem o sr. Elvino de Brito com as suas medidas laboriosas sobre o regimen da propriedade, nem o panico espalhado no paiz pelo regimen terrifico que o sr. Luiz de Magalhães annunciou, e que passa á historia sob o titulo *Os andréites*, nem as ultimas propostas de lei do sr. ministro da justiça, que põe anarchistas para um lado e jornalistas para outro — justiça legal que sobremaneira penhora os ultimos — nem os serviços que com a criação da *morgue* e as circumscripções medico-legaes elle vem prestar á legislação criminal, nem a ultima das mil e uma partidas do sr. conde Burnay para Paris, que, por causa das letras do thesouro, pôe sempre em movimento as letras de imprensa, nem os temporaes puxados com furia por todo o reino, nem os tres novos projectos do sr. ministro da marinha — um dos quaes não é tão pouco importante como isso, visto que approva o contracto de navegação para a Africa Occidental, — nem os discursos do sr. Luciano Monteiro na camara dos deputados, que está sendo o orador sensacional pela energia com que fala, a independencia com que pensa, e a eloquencia com que diz, nem a reforma do exercito, que tanto está fazendo soffrer as entranhas maternas do sr. ministro da guerra antes de vir á luz, nem a alvação de jornalistas que, para combater todos em Roma a representar a imprensa portugueza, julga-se inevitavel a necessidade de alargar para alem do Tíbre a cidade eterna, nem... Mas, para que insistir nas citações, se tantos factos, se tantos acontecimentos, são pallidos e imperceptíveis deante do acontecimento magno, vibrante, universal: a morte de Felix Faure!

* * *

Le Président est mort! Vive le Président!

A Republica não foi decretado buscar aos velhos regimens monarchicos esta fórmula concisa de aclamação, esta fórmula significativa da rapida transmissão de poderes. Mas se ella não existe, existem a ideia, a intenção e o facto, n'essas curtas pa'avras consubstanciados. E tem um grande alcance politico a constituição franceza que faz succeder, no simples intervallo de 24 horas, ao presidente morto o presidente eleito.

Pode quasi dizer-se, sem forçar a rhetorica, que não estava afeição ainda o cadaver de Felix Faure quando os gritos de viva Loubet! viva a Republica! activam no amplo e severo recinto do palacio de Versaillies! E á mesma hora em que desfilavam no Elysee, por deante do catafalco presidencial, as maiores sumidades da França, á a policia prendendo pelas ruas de Paris os partidarios ferrenhos dos numerosos partidos que, na indefinivel e irrequieta capital, querem hoje o que amanhã rejeitam, adoram na vespera o que odeiam no dia seguinte, derrubam n'um minuto o que levantaram n'um anno, e tem por divisa de guerra e pregão de batalha esta fórmula secular: *Guerra ao que existe!*

* * *

A presidencia de Loubet! Intrincado problema, enigma indecifrável! Que novas surpresas sairão d'esse cofre mysterioso onde estão encerrados todos os acontecimentos fim de seculo?

A questão Dreyfus *bat son plein*, e o novo presidente é atacado pelos anti-semitas e pelos militares de ser partidario do dreyfusismo. Querá Loubet manter na presidencia as ideias que sustentava antes de attingar o supremo logar da Republica? Limitar-se-ha a sustentar o equilibrio entre os varios poderes? Apagar-se-ha, em nome da constituição, por entre as luctas que não cessam, e poderá antepor á sua responsabilidade de presidente á sua individualidade de homem? Este é o problema cuja solução só ao futuro compete, mas não será pequena a surpresa, mesmo para os mais familiarizados com as fluctuações da politica, d'aquelles que vejam quebrar-se principios, desfazer-se opiniões e raciocinios, de encontro a outras responsabilidades e em nome de outros principios.

Advogado celebre, Loubet toma conta aos 60 annos da causa mais importante da sua longa e gloriosa carreira: a causa da França. O seu constituinte não é um francez, são todos os francezes. Na defesa da Republica, tem de pôr alguma cousa superior á eloquencia: a abnegação. Tem de pôr o coração e o cerebro ao serviço da grandeza, do bom nome, da honra da patria. Tem de reivindicar perante o estrangeiro os direitos de nação justa, recta, humanitaria, que á França pertencem e que não adulterados tem sido nos ultimos dias da sua existencia nacional. Na balança onde se pesam os desmandos e as virtudes, os excessos e as qualidades, as corrupções e os civismos, tem de ser o pendulo seguro, mathematico. Entre os interesses em jogo tem de ser o medianeiro desinteressado, o ramo de oliveira no campo das paixões revoltas, o supremo conciliador das luctas e dos conflictos internos.

No momento actual esta é a missão d'aquelle que o povo francez elegeu seu chefe. Não é um homem: é uma instituição. Não é só um filho da França: é a França inteira representada e resumida n'um filho seu. E' o eixo em torno do qual gyra toda a politica de um vasto paiz. E' o alvo em que se fixam as attensões do estrangeiro. E' pelo passado honesto uma garantia e, apesar de 60 annos já vividos, uma esperanza.

Por tudo isto se justifica que a morte de Felix Faure fosse n'este quasi fim de seculo um acontecimento culminante, tanto pela queda propria, como pela ascensão de outro.

Le Président est mort! Vive le Président! exclamavam ha poucos dias os francezes: é o mesmo grito caloroso que levanta n'este cantinho da Europa o

Onovo chefe do Estado em França, eleito para a vaga deixada pela morte inesperada de Felix Faure, é hoje um dos republicanos mais serios e mais considerados da politica franceza. Assim se explica a enorme maioria que logo no primeiro escrutínio, por entre todas as questões partidarias, o sentou na cadeira presidencial, até onde o levou uma carreira politica das mais brilhantes. E um grande advogado que se distinguio como politico em todas as questões praticas de interesse geral. Nascido a 31 de dezembro de 1838 em Marsanne (Drôme) debutou na vida publica por ser maire em Montelinar. Eleito deputado em 1876, por 13:294 votos entre 14:336 votantes, assentou praça nas fileiras da esquerda parlamentar, e voltou á camara em 1881 onde acompanhou Gambetta. Pronunciou-se pelo *statu quo* das relações entre a Egreja e o Estado, pela continuação da politica colonial no Tonkin e na Tunisia; defendeu as convenções com as grandes companhias de caminhos de ferro e collaborou na discussão do orçamento.

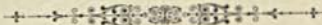
Em 1885 passou para o Senado, applicando-se sobretudo ao estudo das questões importantes, como relator de varios projectos de caça, da taxa de juros das caixas economicas, dos creditos para as victimas da catastrophe da Opera Comica, etc.; dois annos depois foi eleito secretario do Senado, e no fim d'esse mesmo anno convidado para occupar a pasta das obras publicas no gabinete Tirard. De então para cá deu as provas mais evidentes das suas altas qualidades de juriconsulto e de estadista, presidindo á commissão de fazenda, fazendo parte da commissão das alfandegas, e discursando a favor das leis que restabeleciam o escrutínio por circulos, restringindo a liberdade da imprensa, e perseguindo o general Boulanger. Em 1888 recusou uma pasta no gabinete Floquet, cuja politica revisionista reprovava.

Presidente desde 1889 do grupo da esquerda republicana do Senado, foi chamado a 27 de fevereiro de 1892 a constituir gabinete n'um periodo difficil e perturbador em que varios attentados contra a ordem social rompiam em diversos pontos do territorio francez. A sua energia e sobretudo a sua arbitragem na greve de Carmaux foram notaveis. Cahido o gabinete a que presidia, em 7 de dezembro de 1892, foi instado pelo seu successor para ficar com a pasta do interior.

Reeleito senador em 1894, sempre por enorme maioria pois que teve 558 votos de 747 votantes, Loubet pronunciava no anno seguinte um tão notavel discurso sobre o orçamento que á camara votou fosse affixado em todo o paiz.

Dada a demissão de Challemlacour, foi eleito presidente do Senado, alto cargo que occupou durante tres annos até que a morte de Faure o levou á Presidencia da Republica por 483 votos em 851 listas, sendo o segundo mais votado o sr. Méline que obteve apenas 270 votos.

Esta enorme maioria prova a confiança que os partidos politicos francezes depositam n'elle, esperando a França que elle seja uma garantia da ordem, tão necessaria áquelle paiz agitado ha annos pela triste questão Dreyfus.



Costumes portuguezes



PORTO — Carro de bois

Galeria da Imprensa

JORNAL DO COMMERCIO, do Rio de Janeiro

DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

(DIRECTOR)

TEM hoje 55 annos incompletos o notavel jornalista brasileiro que com tão grande exito dirige a grande empresa jornalística do Rio de Janeiro que elle organisou em 1890 para comprar o *Jornal do Commercio*.

A sua actividade e o seu talento manifestaram-se logo nos primeiros annos dos seus estudos, que principiaram no collegio de D. Pedro II do Rio, e terminaram na Universidade de S. Paulo, onde em 1864 se formou em direito, merecendo varias distincções. Voltando ao Rio, dois annos depois, partiu para a America do Norte continuando ahi a sua carreira jornalística, como correspondente do *Jornal Official* e do *Jornal do*



José Carlos Rodrigues

Commercio, e como collaborador de varios jornaes americanos, nos quaes escreveu artigos em inglez, idioma que conhece esplendidamente, e tanto se distinguio n'essas publicações que ao ir Lesseps á America fazer os estudos do Isthmo de Panamá, essa obra colossal que depois de York, *World*, escolheu-o para seu representante, sendo deveras magnifico o estudo que fez não só da parte technica do extraordinario problema do Canal mas ainda das suas condições financeiras. Esse estudo desenvolvido em numerosos artigos formou depois um livro cujas edições repetidas se esgotaram, como se esgotaram tambem as edições de uma outra obra sua, escripta um anno antes de se formar, e publicado sob o titulo *Annotações á constituição politica do Brasil*.

Fundou ainda, collaborando lá por largos annos, a *Revista Periodica*, publicação afamada de jurisprudencia.

O dr. José Carlos Rodrigues tem visitado a Europa varias vezes, demorando-se na sua ultima viagem algum tempo em Lisboa, onde foi muito festejado, sendo-lhe offerecido um grande banquete no Hotel International, ao qual presidiu ainda o mallogrado estadista Carlos Lobo d'Avila, então ministro dos estrangeiros, e assistio o sr. Thomaz Ribeiro que era ao tempo ministro portuguez junto á Republica Brasileira.

Do nosso governo tem merecido por vezes algumas distincções, entre as quaes em 1893 a commenda do S. Thiego, e depois a Carta de Conselho.

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

(CORRESPONDENTE EM LISBOA)

BASTA vel-o e conhece-o para se sympathisar logo com o Brasil. E' que raramente se consegue ser mais insinuante do que elle é: vivo, irrequieto, nervoso; espirito culto, possuindo todos os segredos da graça moderna, traduzida em bonitos ditos e em observações justas; escriptor correcto, conhecedor como poncos da sua lingua, orador eloquente que arrebatava não pela rhetorica mas pelo brilho da phrase

euidade e natural, tal é José Antonio de Freitas, brasileiro de coração e de origem, e portuguez pela educação e pela convivença.

Ocupa ha muito um lugar distincto entre os socios correspondentes da Academia das Sciencias, á em Lisboa correspondente litterario do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, onde os seus folhetins são justamente apreciados, e o theatro portuguez deve-lhe as traducções mais ricas das principaes obras de Shakespeare. Mas não é apenas o theatro incomparavel do grande escriptor inglez que o captiva, por igual o theatro moderno da Inglaterra o seduzia, a ponto de ter traduzido para o theatro de D. Maria algumas das suas comedias mais engraçadas, como o *Bibliothecario*.

A idade que tem não sabemos. Tambem não é preciso. A avaliar pelo seu espirito é ainda um joven.



José Antonio de Freitas

A' varanda do club

Notas rapidas

DE manhã bandos gentis de raparigas eu vejo caminhando para os templos. Vão de negro e em algumas d'ellas até os olhos parecem de luto bem carregado. Tão negros são que eu não sei se são copia da noite...

Tenho-as visto pelos bailes, nos theatros, tão risonhas, tão festivas; e agora eil-as tão sérias, que nem mesmo os olhos meus se atrevem a perturbá-las.

E' que vão á confissão.

Que peccados tens, donzella? Namorada? Não é peccado, não cores, que por tão pouco não has de ter pesada penitencia. Deixa rir o coração. Que idade tens? Vinte annos? Boa idade, podes crer. Junto de ti, carcomida, o corpinho caçado, passa uma velhita a mirar-te, a mirar-te... Com que saudade ella ouve teu pregão de mocidade! E tu pareces zombar... Não sejas má... Não duvides não, pequena, que ella foi como tu és, tu serás como ella vai.

Figurinas de mulher ambas vós, mas tão diversas. Aquella cheia de esperanças, esta cheia de desenganos.

Como é linda, linda, linda, a paisagem que aos teus olhos se desenrola, creança. Estrada florida de rosas, céu azul, todo estrelado, cantos de aves feticheiras, sonhos brancos como os lirios, e vates enamorado, de bandolim á cintura, que te vão sob a sacada dedilhar ternos poemas. Os abismos do caminho não os vês, não os adivinhas. Tudo em volta te sorri, illusões, frivolidades; mentiras não as conheces, lisonjas não comprehendes... Tanto melhor, rapariga.

E a velhita que te segue, ao ver-te assim tão feliz, deixa correr pelas faces, onte o outro'ora beijos quentes cantaram cantos de amor, duas lagrimas sentidas.

Saudades de antigos tempos, de tempos que já não voltam. Tambem vai á confissão a pobre serva de Deus.

Alguns peccado esquecido dos dias de namorada, quando as faces tinham cor, os seus olhos tinham luz e o coração illusões.

E lá entram para os templos, tristes, tristes, como a noite dolorida, chorada sobre o Calvario pelos olhos de Maria.

Tempo santo! tempo santo! Todo o poema—Jesus—ouço vibrar nota a nota. Que de encanto em cada estrophe! Ha tanto seculo cantado e todavia conserva a mesma sonoridade, o mesmo viço e frescura.

E a nosa alma enlevada vai como percorrendo todo o cortejo da cruz, pela montanha do Golgotha, tanto soffrer em silencio, tanta dor, tanto martyrio.

Deixemos passar, deixemos, os que vão arrependidos. Pedem perdão para as faltas, para as culpas que lhes pesam lá dentro na consciencia.

Quem os vê assim contritos julga o mundo regenerado. Não mais crimes nem invejas, nem calumnias nem torpezas, vida nova, toda idyllios, protestos e juramentos, bençãos de amor, equaldade, carinho para as miserias, protecção para os desherdados, e da maldade em ruinas um mundo se formará tal como o bom Nazareno pelos campos da Bethania prévia noite e dia.

Lérias! lérias! o peccado vejo de longe a sorrir-me, com seus modos de velhaco... Has de voltar amanhã? has de voltar toda a vida?

Pois volta, por que afinal, diz-me a visinha do lado, se tu não voltas, jámais seus olhos da cor do céu virão os meus procurar... Antes peccar toda a vida...

MOURA CARRAL.



Salões, Ateliers, Interiores

OS APOSENTOS DE S. M. EL-REI



S. M. El-Rei D. Carlos

O PALACIO habitado pelos Reis de Portugal é o antigo edificio da Congregação do Oratório, situado na collina so-branceira ao valle d'Alcantara, uma das mais risonhas elevações da cidade, dominando o Tejo e toda a linha de terra marginal. Este palacio foi a habitação lisboeta do rei D. Fernando e portanto testemunha das melhores epocas de entusiasmo de colleccionador do rei artista.

Promettendo dar aos nossos leitores, acompanhadas de photogravuras, descripções minuciosas de alguns interiores de homens illustres, escriptores, artistas, politicos, simples amadores, etc., não podia deixar de pertencer o logar de honra a S. Magestade El-Rei que a todas as qualidades inherentes á sua supremacia social, reúne, como poucos, as de um notabilissimo artista consagrado em varias exposições, e as de um colleccionador, erudito e apaixonado conhecedor de coisas de arte. Recebidos com a amavel cortezia e singela cordialidade tradicional nos paços dos nossos Reis, começamos a visita pelos aposentos de S. Magestade, n'um exame rapido mas, emfim, o mais consciencioso possível, de tudo o que com superior realce caracteriza o fino bom gosto de quem passa entre objectos que ama uma boa parte da sua vida de homem e de artista.

Penetrando no quarto de cama de El-Rei salta aos olhos que não foi um banal decorador quem mercenariamente se encarregou de dispôr os objectos, mas sim alguém que conhecia e amava todas aquellas coisas, que era capaz de comprehender os efeitos a tirar de tudo, desde o mais simples *bibelot* até á mais requintada maravilha de arte. Sua Magestade não quiz que algum sem criterio baralhasse epocas, estylos, tons, encarregando-se elle mesmo da tarefa com o carinho que de resto prodigaliza a tudo que entra, como elemento na nobre intimidade da sua existencia.

A direita, como centro de uma panoplia pittoresca formada por armas de todas as fides e procedencias, maças, punhaes, adagas, vê-se uma tela do morgado de Setubal, curioso quadro de costumes, representando duas crianças que jogam a busca a castanhas piladas. Esta é talvez, a nossa vêr, a unica obra conhecida do auctor que lhe pôde justificar a fama.

Por baixo da tela uma rica majolica de Urbino e sobre a papeleira portugueza do seculo xvii, guarnece á a bronzes cinzelados, magnificas talhas do Japão. Logo adiante encobrido o rendilhado leito D. João V. com badaliquino de seda carmesim desdobra-se o mais rico biombo antigo de lacca oriental que possa deliciar o olhar de um amator. Os seus baixos relevos n'uns tons quentes de oiro envelhecido são tratados com aquella originalidade inimitavel e arte inconfundivel que os japezoes imprimem aos seus melhores trabalhos. A' cabeceira do leito, sobre um pequeno contador portuguez, erguem-se dois Christos, um de bronze gothico, outro de oiro cinzelado na sabia maneira da Renascença, o que dá a este recanto do quarto, flanqueado por duas bellas alabardas do principio do seculo xvii provenientes da escolhida colleção de Machado

d'Êça, do Porto, está collocado um precioso contador d'ebano e tartaruga, maravilhosa peça de mobiliario da Renascença florentina. Guarnecido de bronzes dourados, com uma serie de columnas aguentando um attico e com os seus pequenos nichos dentro dos quaes se erguem elegantissimas estatuetas, este movel é dos mais lindos e caracteristicos que temos visto. Sobre elle, como sobre todos os buffetes e pequenos moveis, a mais bella profusão de artisticos *bibelots*. E' deveras notavel a colleção de canecas de faiança, allemãs, hollandezas, italianas, hespanholas, tão sympathicas na simplicidade da sua forma. Sobre o bello contador italiano, suspensa da parede, uma escultura gothica cheia de caracter representando a Virgem com o menino, e em torno como formando-lhe uma aureola ricos pratos de faiança de Urbino da mais alta raridade. A' esquerda vê-se uma meza portugueza do seculo xvii tendo sobran-

tranquillo uma linda nota de sentimento e de côr. Ao fundo do quarto, flanqueado por duas bellas alabardas do principio do seculo xvii provenientes da escolhida colleção de Machado d'Êça, do Porto, está collocado um precioso contador d'ebano e tartaruga, maravilhosa peça de mobiliario da Renascença florentina. Guarnecido de bronzes dourados, com uma serie de columnas aguentando um attico e com os seus pequenos nichos dentro dos quaes se erguem elegantissimas estatuetas, este movel é dos mais lindos e caracteristicos que temos visto. Sobre elle, como sobre todos os buffetes e pequenos moveis, a mais bella profusão de artisticos *bibelots*. E' deveras notavel a colleção de canecas de faiança, allemãs, hollandezas, italianas, hespanholas, tão sympathicas na simplicidade da sua forma. Sobre o bello contador italiano, suspensa da parede, uma escultura gothica cheia de caracter representando a Virgem com o menino, e em torno como formando-lhe uma aureola ricos pratos de faiança de Urbino da mais alta raridade. A' esquerda vê-se uma meza portugueza do seculo xvii tendo sobran-

ceiro um interessante quadro de S. M. a Rainha: um carro de bois caminhando ao longo d'uma estrada. Por baixo do quadro uma profusão de photographias da Rainha, dos Príncipes, de amigos, recordações de viagem, aconchegando assim n'este recanto coisas intimas e queridas da sua vida familiar. Nota-se ainda uma rica marinha de Francia, trecho magnifico de pintura italiana, e, para complemento do mobiliario, outro precioso movel italiano d'ebano e marfim acima do qual se destaca um bello medalhão a duas cores de Lucca della Robia.

No gabinete de trabalho a mesma intelligente disposição nos diz que elle pertence a um amator e a um artista. Todo o vasto aposento é illuminado por uma larga janella pela qual entra a luz deliciosamente coada atravez os mais formosos e suggestivos *vitraux* allemães do seculo xv, principio do seculo xvi, sobre os quais se tem visto. Ao fundo, sobre o fogão, um baixo relevo representando uma batalha no mais acceso da lucta, trabalho de altissimo valor de um grande artista ignorado, mas em que o mestre se revela na linha geral da composição e na attitude das figuras, a que nada falta desde a expressão cheia de caracter até aos minimos detalhes da mais rigorosa anatomia. A' direita sobre um rico tapete persa abre-se um esplendido tryptico gothico attribuido a Van-der-Wayden; mais acima um esboço de Correggio que representa a Sacra Familia, e no alto um prato authentico de Bernardo de Palissy que bastaria para fazer a felicidade de muitos colleccionadores que conhecemos. A' esquerda uma estante esculpida, de trez corpos, trabalho portuguez do seculo xvii, guarda uma formosa colleção de manuscritos e Livros de Horas illuminados devotamente por miniaturistas celebres. Esta colleção, em parte adquirida por El-Rei, prova que S. Ma-



NECESSIDADES — Gabinete de trabalho de S. M. El-Rei

gestade é tambem um distincto bibliophilo. Sobre a meza de trabalho uma estante de missal de prata cinzelada onde repousa o ultimo livro arrancado ao socego da estante. E' n'este aposento que se admittam os riquissimos gomis e salvas de prata dourada que pertenceram á colleção de El-Rei D. Fernando e que só por si representam uma fortuna.

Quem entra no atelier, sabendo que S. Magestade é um pastelista insigne como o tem provado nas exposições em que os entendedores admiram nos seus quadros a segurança do traço e a largueza da composição, realçada ainda pela facilidade e rapidez verdadeiramente notavel da execução, procura naturalmente o estudo, o esboço, aquillo emfim que n'um interior d'esta natureza mais prende a attenção do visitante, e logo se lhe depara sobre um cavalete o ultimo trabalho de El-Rei, uma encantadora cabeça de mulher admiravelmente tratada, lindissimo pastel que teria a reputação de qualquer artista. Desviada a attenção dos magnificos trabalhos de S. Magestade é ella immediatamente empolgada pela profusão e magnificência dos objectos que decoram e guarnecem este aposento. Nas paredes colchas portuguezas tão delicadamente bordadas a oiro que parecem tecidas por mãos de fadas e, entre mil objectos ricos ou cheios de caracter, salta aos olhos um soberbo *ptyptic* de Bosch representando a tentação de S. Antonio, obra prima de pintura que hem define o genio do grande mestre que a concebeu. Poderíamos prolongar este artigo descrevendo todas as maravilhas que encerra o Palacio das Neces-



NECESSIDADES — Quarto de dormir de S. M. El-Rei

sidades. Para chegarmos aos reaes aposentos atravessamos salas, ou antes verdadeiros museus, em que a pintura, a escultura, a ceramica, emfim todas as manifestações do talento humano applicado ás artes decorativas, estão representadas nos seus mais variados e curiosos aspectos e a cuja disposição presidiu sempre a intuição artistica e apurado criterio de S. M.

Não é este, porém o intuito da Revista que apenas deseja n'este numero, dar aos seus leitores uma impressão exacta, quanto possível, do que constitue a existencia intima de El-Rei sob o ponto de vista do bom gosto e da Arte.



NECESSIDADES — Atelier de S. M. El-Rei

D'estas singelas notas, colhidas á pressa e escriptas sem pretenções para satisfazer ás instancias amáveis dos directores d'esta Revista, se conclue que S. M. El-Rei de Portugal é um artista apaixonado e culto, devendo, pelo cuidado e carinho tão sympathico com que se entrega ao arranjo e embelezamento de sua casa, servir de exemplo e incentivo para que a habitação e tudo que a torna bella e atrahente interesse aos que pela fortuna ou pela elevada posição social tem obrigação de prestar o culto devido á arte e ao bello.

ALFREDO GUIMARÃES.

Chronica d'outros tempos

AS TOIRADAS

I



Pinto de Carvalho (TINOP)

As toiradas são, indubitavelmente, o espectáculo que mais tem perseverado nos costumes da Península Iberica. Está, por assim dizer, na idiosyncrasy dos povos que a constituem. Não é um divertimento, afirma Edgar Quinet; é uma instituição. Ultimamente, René Bazin escreveu o mesmo (1). Charles de Mazade diz conhecer apenas um divertimento em que o hespanhol se torneasse ardente e expansivo — era a corrida de toiros, esse espectáculo que tem o dom de *fouetter singulièrement le sang* (2).

A origem da tauromachia é ponto discutivel.

Uns escriptores asseveram que as corridas de toiros foram trazidas a Península pelos arabes, sustentam outros que ellas já existiam na epocha wisigothica (3), outros asseguram que foram importadas pelos romanos, e até houve quem, n'um rasgo de phantasia, fizesse remontar o seu inicio á epocha terciaria (4). Aparece quem supponha que os romanos já acharam exercicios tauromachicos quando conquistaram a Península Hispanica, mas que exerceram alguma influencia n'elles, modificando a sua organisação e os seus detalhes (5).

N'um baixo-relevo encontrado em Pompeia enxerga-se a figura de um *bestiario* do tempo de Claudio, sustentando na mão esquerda um panno de cor com que incita um tigre, e na direita a espada com que o vae trespassar. E a sua attitude é identica á do toireiro castelhano, armado da *muleta* e do estoque. Outro facto ha que parece mostrar a influencia indicada. Os toireiros, principalmente os hespanhoes, estendem suas capas nas trincheiras, com o intuito galante de serem agradaveis ás damas que desejam obsequiar; e isto lembra o *velum* pomposo que as vestaes tinham deante de si, sobre a balastrada do *podium*.

Na opinião de Montes, o eminente professor, é preciso fazer recuar a origem dos combates de toiros á epocha do dominio romano, e mesmo muito além, porque a sua idéa primaria sobe ao tempo em que o homem reconheceu a necessidade de curvar ao seu jugo o toiro e de lhe saborear a carne. Para o domar, chamou a intelligencia em seu auxilio e oppoz a astucia á força bruta. D'ahi originou-se a tauromachia, e os filhos de Adão foram os primeiros toireiros (6). *Arrocat, ah! passons au déluge!*

Um litterato francez, Alexis de Valon, diz que o espectáculo querido dos romanos — a luta do homem contra os animaes ferozes — deu aos hespanhoes o gosto pelos combates na arena, sem contudo fundar a tauromachia (7).

Nos inclinamos a crer que a moda dos combates de toiros foi trazida, pelos romanos, dos seus amphitheatros.

Nos circos que edificaram em Hespanha, e cujas ruínas ainda se podem admirar em Cordova, Merida, Toledo, Tarragona e Murviedo, combatiam leões, tigres, e é logico suppor que tambem combatessem toiros. Na antiga Roma, eram lançados, com outras feras, á arena do circo. No reinado de Tarquinio, o *Soberbo*, sacrificaram-se toiros para aplacar as coleras infernaes; e, na decadencia, houve o sacrificio do toiro á deusa Cybele. Na Roma do seculo XIV deram-se combates de toiros de corda (*enmaromados*) e com cães, como ainda em 1776 se realisavam na Italia (8). Eram lançados, e a plebe, em tropel, saltava á arena a fim de os matar com paus, chuços e outras armas.

Durante o seculo XV, o gosto pelas diversões tauroma-

chicas reaccendeu-se em Roma, aonde ellas foram levadas pelos aragozes no tempo de Calixto III, tio de Alexandre VI. Conta Charles Yriarte (9) que no dia de S. João de 1500, nas corridas organisadas atraz da basilica de S. Pedro, Cesar Borgia — elegante, frio e fino como a sua inseparavel adaga toledana — desceu, sem mascara, á arena, para combater a pé, vestido simplesmente com um porpocmo, e executando cinco passes de *muleta*, matou os cinco toiros que lhe couberam, «aos gritos de uma multidão em delirio». De novo toireou, mas a cavallo, fazendo soberbas cortezias, por occasião do matrimonio de sua irmã Lucrecia, bella e desejava como os sete peccados capitaes, loira como as tranças nubias de Cleopatra, loira como a parisiense moderna que applica lavagens de agua oxygenada aos cabelos para lhes prestar scintillações metalicas de oiro.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

(1) *Terre d'Espagne*, artigos de René Bazin na Revue des Deux Mondes, 1845. (2) *Madrid et la société espagnole en 1847*, Revue des Deux-Mondes, 1847, vol. II, pag. 242. (3) «Grandisima era la affición á las corridas de toros, aun entre el alto clero.» Pag. 185, Tomo IV da *Historia Universal* de Guilherme Oncken, traducção revista por D. Nemesio Fernandez Cuesta. Barcelona. 1890. (4) Pero Gil. *Les courses de taureaux*. Citado pelos auctores de *L'Aquitaine Historique et Monumentale*. Dax. 1890. (5) *Les courses de taureaux en Espagne et en France*. Capitulo de *L'Aquitaine*, etc., pag. 145. (6) *Tauromachia completa, á sea el arte de torear en plaza*, escrita por el celebre lidiador F. Montes. Madrid. 1836. (7) *La Decima Corrida de Toros*. Revue des Deux-Mondes, 1846. Vol. II, pag. 61. (8) D. Nicolás Fernandez de Moratin. *Carta Historica sobre el origen de las fiestas de toros en España*. Madrid. 1777. (9) Citado pelo sr. Conde de Sabugosa no seu artigo *Toiradas em Portugal*. (Revista de Portugal, Tomo I.)

OS ESPIRITOS

(IMITADOS)

(Da «Mulher de luto»)

TREZEI, hontem, á serra pardacenta...
Quiz meditar, sózinho, ás horas tardas,
quando o luar clareia as hervas altas
do hervalco inculco.

Frouxas as rédeas, cavalgava ao acaso
Mas quando entrava o matagal cerrado,
quatro espiritos negros, quatro espectros
prenderam meu cavallo.

Não tinham rostos, ah!... das sombras caras!
Nem tambem, nem tambem de amigos mortos,
com quem, out'ora, nos festins da vida,
batido houvesse a taça!
Alguns tinham archotes, outros látegos.
Terroris cousas me disseram, baixo,
que lingua alguma exprime!

Meu cavallo rinchou, pálido e trémulo...
Meus nervos se crisparam, com angustia...
Mas o primeiro *Espirito* avançando
travou da rédea e disse-me:
«— Padre blasphemo que enlameaste os ritos,
e a estela nos bordenis... em teu destino
«puz meu dedo de ferro!»

O segundo accorreu-se, e, por seu turno,
baixo me segredou: — «Padre extranço!
«sobre seu cranio riscarei as herbas...
«Babilonias de horror.
«No almofaris de bronze, triturando-o,
«moute e dia encheres de mil sulcos
«teu coração sem dentes.

O terceiro, com voz mais lenta, disse:
— «Toma estas chaves, que tu vés brilharem
«d'estes archotes aos claros roxeados
«que ensangantam as hervas...
«São as chaves fataes dos nove abysmos,
«dos nove infernos de abjeção e espanto,
«onde tu lavarás, sem braga, as nuéas
«com prantos sem remedio!»...

O quarto emfim falou, em voz tão baixa,
que o meu ouvido perceber não ponde...
Porem tas cousas átras e fatidicas,
ah! tão terríveis disse...
que os tres outros espectros comovidos,
torcendo as mãos no ar — em as romperem —
e irremissiveis prantos cór de sangue,
mudos, mudos choraram...

GOMES LEAL.



CHAVES. — Vista do Calvario (lado do poente)

A VISTA de Chaves, uma cheia do Tamega e a igreja de S. João de Deus, representadas nas nossas gravuras de hoje, dão, sob tres aspectos diversos, o panoramico, o da paizagem e o dos monumentos, ideia do que é essa encantadora villa transmontana, banhada pelo Tamega, cheia de recordações da civilisação romana, com a sua fertilissima veiga que se estende por um espaço de 20 kilometros, com as suas aguas thermaes consideradas as melhores de Portugal e das quaes lhe veiu o primitivo nome de *Aquae Flaviae*, tendo sido o seu fundador o imperador romano Flavio Vespasiano.

Na vista da pittoresca cheia do Tamega, figura a capella de S. Roque, ao centro de um dos mais bellos arrabaldes da villa.

A igreja de S. João de Deus, fundada por D. João V, é um monumento interessante e grandioso no estylo architectonico do convento de Mafra.



CHAVES. — Uma cheia no Tamega

A alma de uma creança bem dotada está mais perto da de Homero do que a alma de um burguez ou de um academico mediocre.

JULES LEMAITRE.

Os mais astutos velhacos cobrem-se com a capa da religião ou com o manto do patriotismo.

ALBERTO ANTONIO DE MORAES CARVALHO.

Ha tres especies de orgulho: o da riqueza, o do nascimento, e o do espirito.

SWIFT.

Uma senhora muito faladora está doente de cama e o medico recommenda-lhe descanço.

— Veja-me o doutor a lingua...

— E' exactamente por ahi que deve começar o descanço.

N'uma praia de banhos:

Um banhista para o banheiro. — Tome cuidado com essa senhora que é minha sogra.

O banheiro. — Não tenha receio: o mar está hoje um lago.

O banhista. — Pois sim, mas com o genio que ella tem verá como se arma depressa uma tormenta.

A politica, mesmo no governo parlamentar, é o que se não diz.

A paciencia na desgraça diminua a tensão da dôr.

FIÉVÉE.

Perguntam a um viuvo se pensa em tornar a casar-se.

— Penso... para ter o gosto de enviuar outra vez.

Instituições Portuguezas no Brasil



Visconde de Faro e Oliveira

vantagem contra a astúcia de uma e a valentia da outra, submettemo-nos, porque a submissão é a moeda corrente dos fracos. Não subscreveremos, contudo, á totalidade das suas imposições, produzindo um estudo minucioso da evolução material e intellectual da colonia portugueza n'aquelle uberrimo e abençoado paiz, onde, por mais que tentem fazer crer o contrario, a amizade entre brasileiros e portuguezes ha-de ser eterna e grande, como é grande e impetuoso o Amazonas: como é alto e vertiginoso o Itatiaia.

Não! Esse estudo, curiosissimo, por signal, de que resultaria o conhecimento exacto da salutissima influencia do meio brasileiro na lapidação do emigrante portuguez, convertendo-o em poderosissimo instrumento de civilisação, a outrem o legamos, — herdando-lhe a mais o resultado das investigações a que vamos proceder e que, submettidas á retorta de uma philosophia em bom uso, devem facilitar-lhe a missão. Pela nossa parte não iremos além de uma resenha de factos, quasi sem commentarios, hauridos nas informações que obtivemos e na experiencia, bastantes vezes amarga, por nós proprio adquirida no serviço de algumas d'essas associações.

Falando de mortos ou de viventes, fal-o-hemos com a imparcialidade de que nos supponmos capazes, ganhando, de uma só feita, as bençãos do ceu e as bem-querenças da terra.

Não quer isto dizer que o caminho a percorrer seja isento de escolhos. N'um acabamos nos de topar, generalizando a lapidação de que acima falamos. Descansem, porém, aquelles que constituiram e os que ainda vivem, na constituição da excepção da regra. De todos fallaremos a seu tempo, dentro das associações a que pertencermos ou pertencem ainda, e a cada um assinalaremos o seu quinhão de gloria pelos serviços prestados á causa da patria.

A' causa da patria, sim, porque á fundação e sustentação d'essas instituições não presidiu outra que a generosa idea de engrandecer o nome portuguez pelo exercicio e pratica do bem. D'isto é testemunho seguro o seguinte documento official da directoria do Lyceo Litterario Portuguez do Rio de Janeiro, dirigido á Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, de saudosissima memoria:

SENHOR.

Os subditos de Vossa Magestade, quando ausentes da terra natal, ou por affirmarem como resultante da separação, as mais das vezes forçada, ou por attestarem aos povos entre os quaes vivem, que, a despeito d'essa mesma separação, o sentimento do amor da patria é, pelos portuguezes, comprehendido no seu mais alto valor, tanto na sua como na alheia terra, reúnem-se, congregam-se em associações, e, dadas as mãos fraternamente, fazem de cada uma d'ellas honroso monumento para a patria. Uma das terras do Brasil onde esse sentimento mais se ha accentuado pela creação de Associações, cada qual mais patriótica e todas ellas profundamente humanitarias, é, incontestavelmente, a cidade do Rio de Janeiro. O *Gabinete Portuguez de Lectura*, a *Sociedade Portugueza de Beneficência*, o *Colégio de Soccorros D. Pedro V*, o *Retiro Litterario Portuguez*, e muitas outras, são vivissima prova d'este aserto, e por essas instituições bem alto falam os innumerables beneficios que profusa e incessantemente distribuem.

A mais modesta de todas — o *Lyceo Litterario Portuguez* — tanto quanto lh'o teem permitido os seus recursos, igualmente ha procurado acompanhar as suas co-irmãs.

Fundado em Setembro de 1828, para commoçar no dia 24 de Agosto de 1829, e tomando por divisa *Deus, Patria e Liberdade*, o *Lyceo Litterario Portuguez* traçou para si uma vereda completamente differente da de todas as outras Associações Portuguezas do Rio de Janeiro. Visando, principalmente, ao bem dos seus compatriotas, elle levou, contudo, mais longe o seu sentimento humanitario: fundou aulas nocturnas, gratuitas, de ensino primario, e, nivelando fronteiras, acceptando um só direito, considerando como uma unica familia a familia humana, abriu as suas portas a todas as nacionalidades. Quem distribuiu a largas mãos o

fructo das suas descobertas não podia, egoisticamente, querer para si o exclusivo da mais honrosa das modernas conquistas — a Instrucção!

Essas aulas, mais tarde augmentadas com outras de ensino secundario e frequentadas por milhares de alumnos de todas as edades, de todas as castas e de todas as condições, foram talvez, Real Senhor, as primeiras do seu genero instituidas no Rio de Janeiro; e o Lyceo Litterario Portuguez, no crescimento incessante das suas matriculas annuaes, apesar da creação de outras associações congeneres brasileiras, teve a confirmação do serviço que prestou. Foi em desempenho d'este compromisso, Senhor, que a actual Directoria do Lyceo Litterario Portuguez pensou e conseguiu levar a effecto a acquisição de uma casa, em tudo appropriada ás suas aulas e de accordo com o desenvolvimento que ellas tiveram no decurso de 16 annos; desenvolvimento de que é irrefragavel prova o anno lectivo que vai commoçar, e para o qual se acham já matriculados 1.123 alumnos.

Honrando-nos com a leitura do programma de ensino, aqui junto, poderá avaliar Vossa Magestade a instante necessidade que havia de dotar o Lyceo Litterario Portuguez com um edificio condigno da missão que se impoz, e á qual procurou sempre dar a maior latitude possivel, — pois a isso o obrigaram: o favor publico, traduzido na espontaneidade com que acolheu o apello que lhe foi feito, e a benevolencia do Governo de Sua Magestade Imperial, manifestada pela assistencia dos ministros do Imperio a todas as suas solemnidades.

Assim expostos os fins da Associação que se desvanecem de dirigir, assegurada a existencia d'ella, já pela acquisição de que digo conta a Vossa Magestade, já pelo avultado numero de socios que a compõe, prestes a fazerem a inauguração d'aquelle edificio e a reabertura das aulas, o *Lyceo Litterario Portuguez* só ambiciona uma honra: *Que Vossa Magestade se digne acceptar a sua Presidencia Perpetua.*

E' esta Graça, Senhor, que a Directoria do Lyceo Litterario Portuguez vem, respeitadamente, impetrear de Vossa Magestade, com o convencimento de que elle será relevado querer d'est'arte affirmar, por si e pela Associação que dirige, que o Rei dos portuguezes é para elles a encarnação da patria.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1824.

Neste documento, cuja confecção nos coube por sorte, crêmos estar nitidamente expresso o movel patriótico e humanitario das associações portuguezas no Brasil.

Assistamos agora ao desdobrar das suas acções meritorias, quasi ignoradas em Portugal.

Lisboa, 25 de fevereiro de 1869.

VISCONDE DE FARO E OLIVEIRA.



CHAVES. — Igreja de S. João de Deus

Alfredo Menéres



Alfredo Menéres

É UMA das individualidades mais salientes do Porto commercial. Muito novo ainda, tendo feito brilhantemente o curso de agronomo, encetou a sua vida de actividade, administrando as grandes propriedades de sua familia em Mirandella. Indo, poucos annos depois, para o Porto, collocou-se á frente da casa de seu pae, á qual deu um desenvolvimento tão grande que a tornou uma das primeiras do Norte. Foi então eleito secretario da Associação Commercial, cargo a que deu todo o seu trabalho e toda a sua intelligencia, como o está fazendo na Associação Industrial, de que é presidente. Mas como membro da Santa Casa da Misericordia é que os seus serviços tem sido de um disvello inegalavel. O relatório, ha pouco publicado, e que é uma verdadeira gloria do seu trabalho, ali está a attestar o que elle vale, porque demonstra claramente que sabe ser um reformador pratico, o que nem sempre succede aos espiritos cultos e intelligentes. Alfredo Menéres é uma das figuras portuenses mais conhecidas e estimadas em Lisboa, onde vem assiduamente tratar dos interesses do Porto.

ENTRE as grandes cidades brasileiras, tão pittorescas pela exuberancia do seu solo e pelas bellezas da sua natureza fertilissima, e tão importantes hoje pelo desenvolvimento commercial e industrial de uma colonisação trabalhadora e séria, destaca-se Manaus, a capital do Estado do Amazonas, que

actualmente é um dos mais ricos do Brasil unido, e da qual se admira na gravura que damos, um dos seus aspectos mais modernos, a Avenida do Palacio, assim chamada por ficar ali o Palacio do Governo Estadual.

Contando hoje para cima de 40.000 habitantes, de todas as procedencias, mas entre os quaes predominam o brasileiro e o portuguez, tem já no seu porto um enorme movimento de navegação, que o liga aos principaes portos europeus, pa-

ra os quaes exporta os generos do seu commercio que são principalmente a borracha, o cacau, a castanha, o tabaco, o peixe secco e o oleo de copahyba. Em terra, a vegetação serpenteia os pontos mais bonitos da cidade, como por exemplo a Cachoeira e a Cachoeirinha, onde a atmospherá calida do norte do Brasil é adocada por uma viração agradável

muito apreciada pelos habitantes, que dão a toda a cidade um aspecto movimentado. Tem edificios modernos bonitos como o theatro, o Instituto Benjamin Constant, uma das escolas publicas mais importantes, e o Lyceu.

Ligada telegraphicamente com o Pará, do qual fica a



MANAÓS — Avenida do Palacio do Governo

1.171 kilometros de distancia, soffreu uma longa interrupção esse serviço, por se ter partido o fio, sem que por muito tempo se podesse descobrir onde, visto as areias o terem enterrado.

Manaus está collocada a 3° 8' 4" lat. S., e a 67° 37' long. O. de Paris, a 522 pés acima do nivel do mar.

A BALEIA VOADORA

SCIENCIA DO FUTURO



QUANDO estive em Londres, estudei muito o darwinismo com um professor de Oxford em comissão científica no *Zoological Garden* de Londres. De maneira que a selecção, a evolução, a adaptação, são mysterios já desvendados para mim. Muitas das minhas observações scientificas sobre a escala ascendente do macaco até ao ministro de estado, são — com ufania o digo! — consideradas classicas por muitos sabios britannicos.

Tambem é minha a memoria sobre o caso de um cão branco se ter tornado preto, em consequencia de o seu dono o chamar constantemente *Black* (preto em inglez), que era o seu nome. Este phenomeno deu-se em Bombaim, com o coronel *White*... que era de cor preta...

O atilado leitor, que não é decerto nenhum ignorante, deve saber d'aquelle caso, occorrido nas margens do Mar Vermelho, onde foi visto um anreque fresco transformar-se em cão d'agua, no espaço de uma noite. Este phenomeno foi observado por um naturalista da Noruega muito dado aos estudos da doutrina de Darwin. Alguns sabios indigenas, que almoçaram comigo hontem no Montanha, asseguravam que esta historia é naturalissima.

Um d'elles até teve a bondade de me explicar, entre o peixe e o legume, varios factos, concernentes justamente ao mundo piscatorio... Já Linneu nos falou da notavel perspicacia da pescada do alto, e Cuvier tambem nos diz que o linguado é dotado de memoria prodigiosa. Estas coisas escreviam-se ainda muito antes de Darwin ser conhecido.

O outro opinou que abundam os exemplos dos peixes sairem, pelo seu pé, dos rios, para irem procurar outras aguas mais ao seu gosto. Já se vê que os pés são aqui considerados como figura de rhetorica e representam as barbatanas.

Tambem é conhecida a singular *amphibiodade* do *maquereau* parisiense... peixe de agua doce, ali muito vulgar...

Segundo parece, seria bem facil cultivar o *amphibismo* de varias especies de peixes.

Um *entraînement* racional e aturado põe, em poucos

mezes, o peixe apto para supportar o regimen secco... dizem até que se pôde chegar, com paciencia, ao regimen aereo! Com a barbatana desenvolvida obtem-se a aza... Veja-se, por exemplo, o peixe voador de que nos falla Buffon.



E quem sabe se o futuro da aerostatação não estará na Ribeira Nova... isto é, no peixe?

E porque não? As baleias que dão à costa, não tem inteiramente o aspecto de um balão meio despejado, quando se encontram n'uma praia?

A baleia aerostatica! que bella descoberta para a exposiçao de 1900?

E porque não?!

Com delicadeza e habilidade pôde-se muito bem levantar a pelle de uma baleia, separando-a da carne, como quem esfolia um carneiro; mas deixando, por assim dizer, a pelle no seu logar e a baleia inteira...

Fazendo um buraco n'essa pelle, e com o auxilio de um folle, *ad hoc*, encher de gaz hydrogeno o vacuo que fica entre a pelle e a carne da baleia. E sabido que a pelle d'este animal é elastica como borracha. E eis a baleia transformada em balão aerostatico.

O estomago do animal, perfeitamente desinfectado e limpo, pôde mobilizar-se confortavelmente, como o interior de um *wagon-lit*.

E temos o problema quasi resolvido...

Atiladamente dirigida no espaço, com a ajuda das barbatanas, a baleia viajará por esses ares, como nós pelas ruas de Lisboa!

A historia de Jonas, de que nos fala a Biblia, não seria já uma tentativa prihistorica, da locomoção pela baleia, invenção achada mas não conservada pelo auctor, visto a impossibilidade de tirar, n'aquelles tempos, privilegio de invenção??

A mim quer-me parecer que é possível...

E os meus amaveis leitores o que dizem?

Fevereiro de 1899.

MARIANNO FROES.



QUESTÕES ACTUAES

O Banco de Portugal em 1898

25 FEVEREIRO 99

REUNE uma d'estas noites a assembleia geral do Banco de Portugal para discutir o Relatório ultimamente publicado e referente á gerencia de 1898. É pois o seu assumpto questão actualissima. Não sei como a assembleia apreciará os factos e os numeros relatados. Parece-me contudo que esses factos e esses numeros são antes apropriados a suggerir melancolicas observações do que a animar esperanças e desvanecer desalesos e desconfianças, que desde muito tempo sobressaltam os espiritos reflectidos, por mais apagados que ainda estejam a esse tão nosso e tão nacional criterio do providencialismo nas cousas pu-

blicas. O que vou escrever para o *Brasil-Portugal* é simplesmente o que me dizem os numeros na sua fria impassibilidade. Não é portanto a penna de Schopenhauer que eu desejaria pedir emprestada para traçar esta noticia, mas tambem creio que se ao proprio Pangloss fosse dado perturbar o seu descaudado optimismo, e inexcelsivel bom humor, com a leitura do relatório que serve de assumpto a este escripto, elle mesmo, com toda a sua philosophica paz d'alma, duvidaria, ao menos por um bocadinho, de que tudo é o melhor n'este melhor dos mundos. Não é mais censuravel afejar propositalmente situações do que apresental-as em publico com disfarces e retocos enganadores. Os conselhos do pessimismo podem servir de aviso para prevenções. Os do optimismo levam naturalmente á pratica do *deixar ir*, que é a formula quietista mais esterilmente comprehensiva do viver economico e financeiro d'este paiz, em cuja orographia politica ainda a montanha dos erros accumulados não nos mostra felizmente representada por tão grande relevo como a dos recursos existentes e das riquezas desaproveitadas. Não faz por isso mal um pouco de austeridade á analyse do relatório do Banco de Portugal, e será mesmo talvez bom tirar das

suas palavras e dos seus algarismos do significado que nas suas expressões se contem.

Não é certamente a circulação fiduciária que mais deve impressionar na sua maré sempre crescente. É verdade que de 69.655 contos, de notas em circulação era em 31 de dezembro ultimo de 69.655 contos, e que este numero, comparado com o dos cinco annos anteriores, representa em tão curto prazo um augmento de 33 1/2% sem que progressão igual, ou sequer parecida, exista em nenhum dos bancos emissores da Europa, a não ser na Hespanha, onde excepcionalissimas circumstancias explicam e justificam extraordinarios augmentos. No mesmo prazo elevou-se a emissão de notas no banco imperial da Alemanha de 15 1/2 milhões de francos a 15.50 no ano, no banco de França de 5.468 a 3.869 ou 0 1/2% no, na Inglaterra de 647 a 798 ou 9% no, da Italia de 1.021 a 1.071 ou 5% no, da Belgica de 300 a 487 ou 9% no, da Hollanda de 395 a 444 ou 12% no, na Roumania de 142 a 147 ou 4% no, da Suecia de 130 a 168 ou 20% no e dos da Suissa de 179 a 211 ou 18% no.

Os numeros em que se expressam estes augmentos não são ainda exactos indicadores do facto que representam, se não forem comparados com outros, porquanto um alargamento de circulação só pode ser considerado um effeito factor economico, se bem servir o trabalho nacional representado nas diversas funções em que elle se reparte, commercio, industria e agricultura. Ora é na carteira commercial que esse effeito benéfico melhor se manifesta e com mais segurança se pode afferir. Relendo-se os ultimos relatorios do nosso banco emissor, vê-se que ao passo que no periodo referido a emissão de notas pulou de 52.253 contos a 69.655, tendo augmentado assim n'um sexennio 17.403 contos, ou 33 1/2% como fica dito, a carteira commercial somente elevou de 12.258 contos a 14.857, tendo apenas augmentado o seu valor 2.599 contos ou 21%. No mesmo periodo mostram os balanços dos diversos bancos emissores da Europa que o valor das suas carteiras commerciaes se elevou no banco imperial da Alemanha de 753 milhões de francos a 961 ou 28% no, no banco de França de 526 a 957 ou 82% no, na Inglaterra de 605 a 862 ou 42% no, na Italia de 309 a 378 ou 23% no, da Belgica de 330 a 450 ou 36% no, da Hollanda de 101 a 154 ou 52% no, da Roumania de 45 a 58 ou 29% no, da Suecia de 254 a 320 ou 26% no e dos da Suissa de 170 a 178, mas sendo de notar que neste paiz todo o valor das notas em circulação, sendo de 211 contos, pouco excede o da carteira commercial. Conclue-se de todos estes numeros que ao contrario do que acontece em quasi toda a parte, a somma das notas cresce entre nós em notavel desproporção com a dos valores industriaes, commerciaes e agricolas descontados no nosso banco, e que a emissão, em vez de servir o trabalho e a actividade da nação, segue outros rumos para ir com as suas reasmas de papel estampado encobrir as faltas do thesouro, e saldar ficticiamente em cada anno os deficits reaes dos orçamentos do Estado.

A comparação d'aquellas percentagens de progressão ainda não bastam contudo a pôr em toda o seu relevo o significado que se lhe deve attribuir, pois que é pela proporção entre a carteira commercial, que representa valores de produção, e a totalidade das notas circulantes, que se deve apreciar a acção do banco na economia nacional. Mostra-se pelo relatório que a 69.655 contos de notas em circulação corresponde uma carteira commercial de 14.857, mas como nos debitos do thesouro ao banco figuram 350 contos de bilhetes, para que se não encontra outro logar no balão a não ser a carteira commercial, deve esta somente computar-se em 11.230 contos. É portanto a proporção dos valores de commercio para as notas em circulação de 16 para 84. Este facto é da maior gravidade, e sem analogo ou semelhante em nenhum outro paiz europeu. Nos bancos d'emissão acima designados, e pela sua ordem, a proporção entre a carteira commercial e a circulação é respectivamente de 63 para 37, de 28 para 72, de 159 para 100, de 32 para 68, de 90 para 10, de 32 para 68, de 130 para 100 e de 82 para 18. Vê-se portanto que em quasi toda a parte serve principalmente a circulação fiduciária de meio de fomento nacional. No nosso paiz não é assim. A circulação de notas é de 69.655 contos, a carteira commercial está em 11.230 contos, e os debitos do thesouro attingem 540.78 contos. O Estado deve pois ao banco cinco vezes o que lhe deve todo o paiz industrial, commercial, agricola e trabalhador.

D'esta absorção pelo thesouro de todas as disponibilidades de circulação resulta para o banco a necessidade de circumscrever as suas operações de desconto. No ultimo anno principalmente a differença em descontos e transacções commerciaes foi enorme, as letras descontadas, que em 1896 foram em numero de 569.33, não passaram em 97 de 543.392 e em 98 de 47.675. É verdade que a differença para menos em valor não corresponde á differença na quantidade dos effeitos descontados, visto que aquella differença foi apenas de 567 contos, mas nas letras sobre o reino já não aconteceu assim, o que se explica pela necessidade de concentrar os capitales na séde do banco e com elles poder servir o thesouro. Com effeito, as passo que em 1897 se tomavam letras por 180.000 contos, no anno passado foram tomadas por 15.249, e portanto assim havido uma diminuição de 1797 contos que, somadas com os 567 de differença em descontos, prefazem 2.364 contos de desfaleço n'um movimento commercial, que já antes d'isso se não podia considerar sufficiente para os negocios. Da comparação com outros paizes resulta que os valores de carteira commercial dos diversos bancos emissores se repartem em media, por cada habitante, na Alemanha na proporção de 19 francos, na França de 25, na Inglaterra de 21, na Belgica de 68, na Hollanda de 33, na Suecia de 72 e na Suissa de 59. Entre nós, se a conta se fizer ao par, o quociente da divisão dos 11.230 contos da carteira verdadeiramente commercial do banco por cada habitante é de 13 francos, mas se se fizer ao cambio, como deve ser, e este se calcular a 780 réis por tres francos, o quociente será então de 9 francos apenas, o que é uma capitação minima

e significativa da quasi paralysis dos negocios, sobretudo se se attender a que entre nós se precisa relativamente de muito mais capital do que nos paizes onde a circulação fiduciária é auxiliada pela circulação metallica, onde o sistema das compensações de pagamentos e dos *clearings* proprios evita e reduz o emprego do meio circulante, e onde por outro lado as industriaes adquiriram um desenvolvimento e uma velocidade, que as dispensa já das quantiosas sommas exigidas pelas industriaes nascentes durante os seus periodos iniciais, que são justamente aquelles que se vão aqui atravessando com bons desejos, difficuldades grandes e fortuna varia.

No proprio relatório do banco se reconhece e deplora este facto resultante da absorção pelo thesouro de quasi todo o papel emitido. Diz-se com razão no esse documento que o banco de Portugal, centro de todo o movimento fiduciario, *deserviria ter a sua função circunscrita de todas as industriaes e o mais forte, sendo o unico agente, de todo o fomento nacional*, mas que essa missão não poderá ser desempenhada enquanto não melhorar a condição financeira do paiz, que obriga o thesouro a tirar na sua quasi totalidade os deficits orçamentaes dos augmentos successivos da circulação fiduciaria. D'este estado de cousas anormal e insustentavel resalta urgentissima, e sob pena de morte nacional, a necessidade de mudar de vida, pagando o thesouro ao banco uma parte, ao menos, do que lhe deve, ou alargar o banco a sua circulação. E este é o dilema.

O pagamento da dívida do thesouro ao banco é hypothese pelo menos aleatoria, e não é n'um periodo em que as forças economicas da nação parecem reanimar-se, e tomar alentos novos para iniciativas e empreendimentos, que se deve esperar em ocioso fatalismo, e com a paciencia que podem dar esperanças mais ou menos fundamentadas, pela vinda providencial das boas fortunas. De uma carteira commercial minguada, e ainda por cima desfalecida pela concorrência do Estado, não podem sair os meios de fomento de que o paiz carece, e que o banco segundo confissão sinceramente escripta em uma das paginas do relatório, lhe não pode prestar.

Foi por isso que n'estes ultimos tempos de maior retraimento nos descontos se clamou algumas vezes por maior circulação. Ambas as soluções trazem consigo tristes cortejos de difficuldades e defeitos. Uma é pelo menos terrivelmente aleatoria. A outra é arriscada tentativa, que viria cercada de perigos. Certamente nas condições actuaes do nosso paiz, os 72 mil contos assignados como limite ao movimento fiduciario do banco, podem ser insufficientes para toda a circulação. Os que reputam excessiva essa grande somma, fundados em simples comparações d'aquelle numero com os de outros paizes, e ainda dentro do nosso em tempos mais ou menos apartados, são pelo menos pouco reflectidos e ponderados nos seus juizos. A quantidade de meios de troca tem de variar conforme os preços das cousas, e todos sabem como esses preços têm subido em parte por causa dos cambios, e em parte pela especulação que com esse motivo se tem feito. Os 50.217 contos que circulavam em 1892 tinham então ao mesmo tempo correspondido 42 1/2% do mesmo poder comprador que hoje teriam os 69.655 da actual circulação ao cambio de 29 ou 30 de alguns meses do anno findo, e ninguém ignora que a especulação tem por costume commover os preços altos ainda mesmo através das melhorias cambiaes. Além d'isso é innegavel que as reservas particulares, que nos tempos da convertibilidade só em metal se faziam, são agora feitas em papel e que essas sommas arrecadadas devem montar a alguns milhares de contos, ainda mesmo que se calcule somente em mil réis a capitação dessa reserva. Não é pois na excessiva circulação que está o mal. E nas causas que a determinam. O que se vê então o facto expressado no formidavel algarismo, sem perscrutar as razões do seu tamanho, não julgam bem. Impressionam-se talvez de mais, e pensam certamente de menos.

Não é pois a questão numerica que mais deve affligir ou desvelar as noites dos que tiverem de entender nas finanças do Estado e do banco. O que importa é o valor, e a nota vale o que representa. Vale realmente o que valem os valores do Banco. O modelo de uma organização bancaria seria portanto aquella onde a emissão não excedesse o encaixe metallico, e onde o ouro não podesse virnunca a faltar nos *guichets* para a troca de todas as notas. A proporção convencional de 1/2 de encaixe metallico, em relação á emissão total, é um preceito classico de organização bancaria para que se não encontram justificadas razões, a não ser a presumpção de que essa percentagem deverá bastar, fóra dos casos anormaes, as exigencias da troca. Quando possível convertibilidade está assegurada pelo costume, ali pratica de todos os dias e pela confiança, não é a falta da proporção estabelecida pelo classicismo bancario que faz abalar o credito, assim como não é tambem com o restabelecimento do terço em metal que a nota mais se valorisa e acredita. No ultimo balanço que conheço do banco emissor belga, o seu encaixe metallico estava em 103 milhões e a circulação em 487. Era uma proporção de menos de 22 p. c., mas isso em nada affecta o valor da nota n'aquelle paiz, porque o facto da convertibilidade lhe assegura em metal a equivalencia do seu valor fiduciario. Pelo contrario, não é no regimen do curso forçado, como entre nós, que mais algumas centenas de contos em metal, atráidos para os *impayés* improductivos do banco, haviam de robustecer e regularizar a sua situação. A verdade é que não pode haver proporção fixa e uniforme entre o encaixe e a emissão. É necessario tomar em conta a diversidade das clientelas e das necessidades, ou como os inglezes chamam a esses phenomenos bancarios, a *intensidade do passivo e o maximo de apprehensão*. São essas circumstancias bem interpretadas que devem servir para se pautar a regra da emissão. Quando o sistema de curso automatico e da convertibilidade, as notas que tornam superabundantes no mercado voltam ao banco para se trocarem por metal, que os seus possuidores preferem para o entesouramento, mas quando se não fazem pagamentos em especies, então não ha indicador certo para dar a conhecer o limite de saturação, porque não voltando

ao banco todo o excedente de notas fica uma parte d'esse excedente inconvertível na reserva particular e some-se outra parte em despesas facticias, que produzem no publico o effeito da riqueza apparentes, e dão assim origem ás conhecidas exclamações de que ha dinheiro para tudo, como por ahí se repete a cada hora.

O principio de que o mercado expelle todas as notas, que excedem as necessidades da circulação, não é pois applicavel ao nosso paiz, onde as immobilizações e reservas, que n'outros paizes se fazem em metal, tem de ser aqui constituídas em notas tiradas da circulação. O facto que se deve ponderar não é pois se o limite legal, fixado á emissão, é ou não excessivo. É o da necessidade de se reduzir o valor da carteira commercial, justiponderando as circumstancias de papel do Estado, e não poder assim o banco exercer as funções de desconto e redesconto, tão largamente como no proprio relatório se diz que muito seria para desejar. Com effeito, não se estabelecendo pela convertibilidade o regresso ao banco das notas, que depois de emitidas se tornaram desnecessarias á circulação, a consequencia é não se poderem accrescentar sensivelmente as disponibilidades para as operações do commercio sem novas emissões. D'isto resulta que ou se apertam os descontos em estreitos limites com prejuizo do desenvolvimento da riqueza nacional, ou se alarga a emissão com prejuizo do valor da nota, visto que as emissões não augmentam valores, e que não augmentando os valores do banco é tanto menor o valor das notas quanto maior for o numero das que representarem esses valores. Deste modo não se pode o banco adiantar na emissão, e não se podendo adiantar na emissão não se pode proseguir nos descontos. É esta a situação creada pelas necessidades do thesouero e pela excessiva tolerancia do banco.

A separação dos dois debitos, o do thesouero e o dos particulares, offerece portanto vasto assumpto a considerações varias. O debito do thesouero apparece caucionado por 103.901 contos nominaveis de titulos de divida publica, que ao preço de 32, em volta do qual têm oscillado as cotações n'estes ultimos mezes, correspondem a 33.248 contos effectivos. Não contando com uma margem para depreciação, que em contractos similhantes não costuma ser inferior a 10 p. c., ficam a descoberto 20.830 contos, que o governo promete cobrir com outros titulos, cujo valor nominal não poderá ser inferior a 65.000 contos, e todavia bem que não é indifferente a emissão de tão grande somma de titulos novos, e mais que se diga que esses titulos ficam em caução ou na posse da fazenda. D'esta deficiencia de garantias, e principalmente d'esta difficuldade na realisação dos valores de caução, não participa felizmente a carteira commercial na sua parte exclusiva de effeitos do commercio, de que ninguém suspeita e que todos reputam segura. Esses effeitos de commercio constituem valores, promptamente ou quasi promptamente realisaveis, e o respectivo papel fiduciario genuinamente representa. N'estes termos, e prejudicada pelos motivos expostos a hypothese de uma saturação de papel que obrigue a reverter para o banco as notas desnecessarias á circulação, não seria talvez de grande risco a preconizada aventura de maior alargamento na emissão, contanto que tudo quanto excedesse o limite actual se destinasse á carteira commercial, e ahí não fosse admitido nenhum papel do Estado. Com esta restricção, escrupulosamente observada e cumprida, poderiam ser conjurados alguns perigos temidos e previstos, sem esperar por melhorias financeiras que permitam a consolidação do debito do thesouero ao banco, e que por ora mais parecem accomodadas a entreter crenças de Sebastianistas do que a convencer espiritos reflectidos. O que porem se apura, e o que de mais certo se pode concluir do relatório, que muito elucida e que bem daria para mais largas considerações em artigo menos apertado, é que o governo e a direcção do banco muito tem que cogitar n'este extremo de cousas, para que depois de emendados os defeitos, que trazem perturbada a circulação fiduciaria pela maneira tumultuaria como está distribuida, se aplanem e resolvam as difficuldades publicas, em que o banco é pelo menos involuntario cumplice.

Não dá para mais a estreiteza d'esta pagina furtada a tantos assumptos, que n'este jornal se tratam e illuminam. Tenho por isso de fechar a serie de considerações suggeridas pela leitura do Relatório do banco recentemente distribuido. Terão acaso essas considerações degraçadas a muitos, e talvez mesmo a todos quantos as leram. Paciencia. O que escrevi, foi o que me disse o relatório. Dos factos e dos numeros officiaes tirei-se as conclusões, que mais pareceram conter-se n'aquellas frias premissas, e é isso o que ahí fica escripto. As duas entidades, thesouero e banco, apparecem n'este artigo soldadas uma á outra por indeleveis responsabilidades. E' perfeitamente assim. Tantas culpas tem o thesouero como o banco. Um abusou das facilidades com que podia emprestado. O outro foi-se deixando ir. Pela lei organica do banco, este e o thesouero deveriam auxiliar-se mutuamente. De ahí a pouco estavam a viver na dependencia um do outro. Hoje não é só dependencia. Estão ambos presos ao mesmo dezo, amarrados pelas mesmas responsabilidades como se fossem uma entidade unica, e repetindo assim a fábula de Laocönte suffocado e asphyxiado pelas serpentes que o encaim e apertam. A necessidade por um lado, e a excessiva condescendencia por outro lado, produziram essa situação que ahí fica definida conforme me pareceu dever-se definir, e que em si compendia todos os vicios e defeitos attribuidos pelos economistas aos bancos do Estado, sem nenhuma das suas vantagens. É uma situação que continua as nossas tradições de fábula publica e de ficção.

São sempre os mesmos processos. A historia politica das nossas finanças nos ultimos tempos é uma comprida trilogia. As principaes peças que a compõem são os empréstimos, o dinheiro do Brasil e as notas do banco. Toda ella se resume, portanto, n'um pensamento unico, que é viver á custa alheia e do dinheiro dos outros. Tem sido essa a regra facil de governo desde muitos annos. Comtudo, a fonte d'onde corriam os empréstimos secou-se, o dinheiro já não vem do Brasil

aos milhões como vinha, e as notas do banco estão no fim. O que virá agora, que bem espremido possa dar para os gastos de alguns annos ou de alguns mezes? Seria bom que não viesse cousa, que vendida ou empenhada dêsse para prolongar ainda por muito tempo os ocios d'este morgado. Talvez que assim viesse o fim, que é em resumo o que falta, pois que tudo isso quanto no jaiz de cada exercicio se traduz em deficit, e se tem accumulado em sommas colossaes de anno para anno á custa dos empréstimos, do dinheiro do Brasil e das notas do banco, tudo isso é a expressão em numero de um grande deficit de juizo, alimentado por aquelles doces e facéis recursos, voluptuosamente saboreados ao principio, mas de que se está sentindo agora a cruzeta e o amargor.

ANSELMO DE ANDRADE.



POETAS E PROSADORES

(Perolas Dispersas)

ULTIMO ADEUS

A Eça de Queiroz

Não venho, senhora minha,
Ao som d'um thrêno choroso,
Lembrar-lhe a historia mesquinha
D'um romance desditoso.

Foi-se o tempo das balladas,
E os Romeus de nossos dias
Não sabem das alvoradas,
Nem da voz das cotovias.

O Mouro da tez adusta,
Quebrando o punhal sangrento,
Nem Desdémomas assusta,
Nem solta canções ao vento.

Que o deus das faces mimosas,
A loira creança imberbe,
Vive agora como as rosas
Da poesia de Malherbe.

Eu quiz um sonho mais largo,
E, no banquete da vida,
Deu-me a sorte um fel amargo
N'uma taça corrompida.

E quando, triste e sereno,
Me quiz erguer contra a sorte,
Já tinha na alma o veneno,
No sangue o germen da morte.

Mas, perdão! senhora minha:
Eu não venho em tom choroso
Lembrar l'he a historia mesquinha
D'um romance desditoso.

Venho, enxutas as pupilas,
E conforme as etiquetas,
Depór-lhe nas mãos tranquillias
Este ramo de violetas.

Por um beijo, a uma anluzza
O deu em paga um toiroiro,
E d'esta origem confusa
Provém-lhe um fim agoiroiro.

Que bello na trança linda!
Que bem n'essa trança d'oiro!
Mas, hade enfeitar ainda...
As pontas curvas d'um toiro!

JOÃO PENHA.

A industria portugueza

Fabrica "CONFIANÇA" do Porto

As tres gravuras que hoje damos representam as officinas d'esta fabrica importantissima do norte do paiz, que ainda em 1883 se constituia com uma machina e quatro costureiras, e que em 1888 se transformava quasi por completo, com um desenvolvimento industrial enorme. Cabe-lhe a honra de ter sido a primeira a applicar em Portugal a forca motriz ás machinas de costuras.

Installada em 1894 n'um magestoso edificio, occupa hoje uma area de 1300 metros quadrados. Servem-a uma machina a vapor da forca de 30 cavallos e correspondente caldeira, e um dynamo completo com motor para fornecer luz a 300 lampadas electricas que illumina todas as suas installações.

As principaes secções em que a fabrica se divide são:



Fabrica ConfiANÇA — PORTO

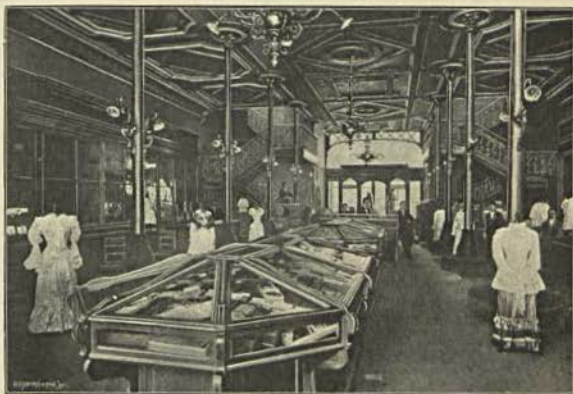
1.º Os ateliers da córte. 2.º Os ateliers das costureiras. 3.º A lavanderia, com um seccadouro a vapor. 4.º A officina de brunir. 5.º Os ateliers de roupa branca para homem e em especial para roupas de senhora e creança. 6.º Fabrico de caixas de cartão. 7.º O vasto e luxuoso salão de vendas.

Todas as secções se acham em correspondencia umas com as outras por meio de elevadores e de telephones.

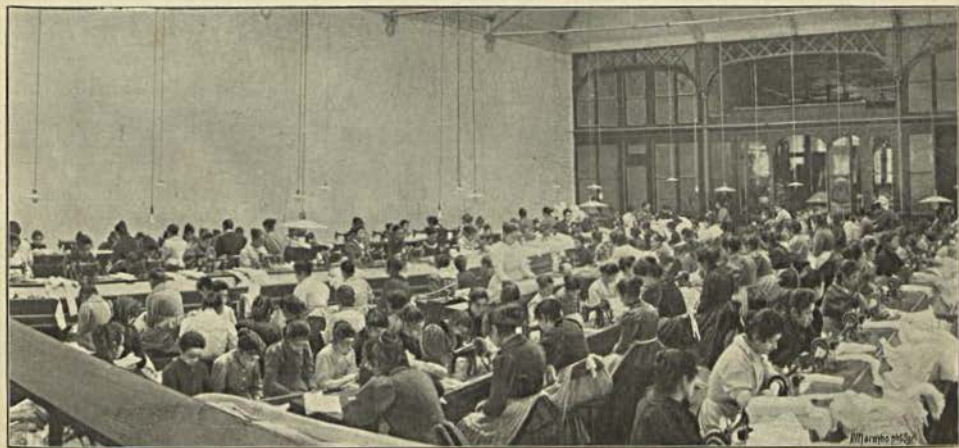
Actualmente a *Fabrica ConfiANÇA* emprega 125 machinas de costura e dá trabalho a cörca de mil mulheres, das quaes 500 trabalham nas diversas officinas.

A variedade e perfeição dos productos da fabrica, têm-lhe trazido um largo consumo interno e uma sempre crescente exportação para o Brasil e Africa; principalmente para o Brasil, onde os rasgados esforços e a capacidade incontestavel de Antonio da Silva Cunha, actual presidente da direcção, lhe conquistaram esse importante mercado.

Silva Cunha não é um desconhecido para o Brasil, e sobretudo para a Bahia, onde começou a sua carreira commercial,



* Fabrica ConfiANÇA — PORTO — Salão de venda



Fabrica ConfiANÇA — PORTO — Officina geral

ainda muito novo, empregando-se n'uma casa importante d'aquella cidade. Em 1883 regressou a Portugal, visitou a sua terra natal que é Villa Meã e estabeleceu-se no Porto, cabendo-lhe a gloria de ser no paiz o iniciador d'aquella importantissima industria.

Como presidente da direcção d'esta vasta fabrica, a mais importante da Peninsula, é vogal no conselho superior do Com-

mercio e Industria e na commissão das pautas ultramarinas e delegado na commissão do norte encarregada de organizar a representação industrial portugueza na exposição de Paris.

Ao seu trabalho persistente e sempre honesto deve hoje elle a posição que occupa no alto commercio portuense, e deve-lhe a fabrica, que dirige, o seu incremento e a sua prosperidade.

Felix Faure



Felix Faure



Felix Faure no leito mortuario

A MORTE do presidente da Republica Franceza produziu enorme impressão em toda a parte, como succede sempre ao desaparecer subito de uma figura que se saliente pelo talento ou pela alta posição que occupa. Os politicos como os artistas deviam morrer sempre assim, de repente, em pleno apogeu da sua gloria; e por isso se na morte pôde haver felicidade, Felix Faure foi um homem feliz.



Felix Faure na camara ardente

Novo ainda, pois ha via pouco antes completado 58 annos, commerciante modesto do Havre, escolhido pelo seu trabalho para figurar na Camara do Commercio, e distinguido pela sua bravura na guerra de 1870, em que commandou um batalhão nacional; deputado votando o restabelecimento do divorcio, contra a expulsão dos principes, contra a revisão da constituição e contra a eleição de senadores pelo suffragio universal; funcionario activo como sub-secretario de estado das colonias nos gabinetes de Gambetta, Ferry, Brisson e Tirard, e ministro do ultramar, se a sua carreira n'estes altos logares não foi brilhante, como a de tantos outros homens do seu tempo, foi recta e sobretudo feliz, porque deve ter tido alegrias, que nem sempre preparou, mas que, patriota convicto, poude gosar como nenhum outro.

Galeria Internacional

TIPOS DE BELLEZA

Ao norte da Europa va e hoje o Brasil-Portugal arrancar um tipo de incontestada belleza, uma mulher encantadora vestida com o traje nacional;— pertence á Dalecarlia, a industrial e encantadora provincia do norte da Suecia.



Uma dalecarliana

Está aberta a galeria. Toca a rebate nos arraiaes da belleza. Dá o exemplo o frio norte da Europa. E' preciso que aos cabellos-ouro e os olhos-saphira não levem a palma os olhos negros e aos cabellos-azeiche das nossas meridioneas. A formosura não tem patria nem gerarchia. Na galeria que hoje abrimos ha d'ora avante um espaço reservado para todas as estrellas que brilhem na constellação do bello.

A pobreza de Bethlem construiu os nossos magnificos templos.

BOSSUET.

Muitas vezes conservamos, por capricho, as posições sociaes que já nos são incommodas e pesadas.

A attenção é a probidade da intelligencia.

CH. GOUNOD.

Ha homens que não gostam de trabalhar senão a certa hora, mas o relógio d'elles está sempre parado.

JULES MARY.

Ferraduras—Calçado com pregos, proprio só para bestas.

Liga—Atadura que dura pouco porque se rompe facilmente.

Lindo—Homem muito bonito, acendo e galantinho, mas cuidado com elle, que se desfaz entre os dedos.

Negocio— Tudo é negocio n'este mundo, depois que os escriptores deram em negociantes.

Papel moeda—Alchimia dos governos arruinados.

JOSÉ DE SOUSA BANDEIRA.

A grandeza tem dois aspectos: um é a magestade, outro a familiaridade.

No tribunal:

Juíz—Porque roubou você estes sapatos já usados?

Accusado—Porque julguei que eram novos.



THEATROS

Perattas e Sécias

HAVIA-NOS o commissario régio do theatro de D. Maria feito d'esta peça as mais encomiasticas referencias; e folgamos de conferir que senão confirmam perante o nosso espirito, encantado, a apreciação do sr. Alberto Pimentel. Ella é a condensação viva e flagrante, em tres simples actos, de toda uma época. Algumas paginas da *Historia de Portugal*, de Oliveira Martins, postas em folhetim. A estrutura theatral com rara felicidade applicada a alguns dos mais acertados conceitos d'essa prosa colorida e suggestiva.

A obra, sabe-o bem o leitor, é de Marcellino Mesquita, nome que era já de si, e como que de antemão, uma garantia da sua excellencia e a pedra de toque do seu valor. De Marcellino Mesquita escrevemos nós, aqui ha uns annos atraz, a proposito d'*O Velho Thema*: «Procedeu segundo o seu temperamento, verdadeiro temperamento de meridional, audacioso e impulsivo, que desconhece convenções, que despedaça peias, que atropella a rotina, e que, uma vez rodando no generoso impulso da sua ardente laboração mental, não sabe já senão ir direito ao fim que antecipadamente se propozera,—qual é o de ineluctavelmente impressionar e subjugar as plateias.»

Pois agora esta sua derradeira peça, *Perattas e Sécias*, não vem senão confirmar o nosso modo de ver de outro tempo. O nervoso e vibratil dramartugo propoz-se trazer á escarinhina luz da ribalta o finalisar do seculo xviii, essa tão depressiva e triste pagina da nossa historia; mas, para isso, nada de entranhar-se, como faria qualquer cuturra, em fastidiosas leituras de allarrabios, nada de delirar a frescura da inspiração estiolando-a na batiente penumbra dos archivos. Nem lhe era preciso tanto. Para o seu effeito, a physionomia do *meio social*, a linha geral da época lhe bastava. E isto servia-lh'o, com um realismo anatomico e o mais pittoresco dos coloridos, a prosa entalhada e quente de Oliveira Martins. O talento evocador do auctor da *Dór Suprema* faria o resto. Sobre a luminosa synthese d'aquellas paginas de ouro logo a sua maravilhosa intuição bordou uma interessante successão de quadros; logo o seu videntissimo creador sonhou, pintou, ergueu, uma série de aquarellas deliciasas, que são ao mesmo tempo alegres e desenfadadas satyras.

E assim, facéis, leves, naturaes, as scenas perante nós deslizam, dando na propria acção o traslado exacto, embora ampliado, dos estupidos e artificiaes costumes d'aquelle tempo. Uma perfeita technica theatral, manejada por mão de mestre,—vê-se,—liga artisticamente as situações e distribue os effeitos, de modo a alegrar a monotonia d'aquelle constante repisar o mesmo assumpto. D'ahi, vêem ditos, phrases, intenções, contrastes que são verdadeiras *trouvailles*,—como



Marcellino Mesquita

aquelle tão comico final do 2.º acto, em que o dedilhar profano da guitarra, no palco, se entremela com o beato psalmodiar do cantochão lá dentro, na capella. E o conjunto resulta-nos empolgador e perfeito, retratando com a mais firme e grossa eloquencia aquella nossa, *Sociedade onde a gente se aborrece*, governada por uma rainha demente e por um rei idiota.

A pintura mesmo da sociedade portugueza d'aquelle tempo ominoso e charró é tão exacta que muitos dos personagens, que alguns dos melhores ditos aproveitados na peça, nem são criação do autor, mas a fiel reprodução de successos e typos coevos da época. Assim, um dos personagens principaes, o *Marquez de Sande*, é um vulto historico, — o esperancoso conde de Villa-Nova, depois marquez de Abrantes, que ficou celebre pela sua paixão em acompanhar o Viatico, andando sempre de ouvido attento a tapar dos sinos, e com o negriño atrás de si, prompto a nassar-lhe a opa e a campainha. Analogamente, o desembargador *Silverio* da comedia, «que negou entrada na alfândega a uma caixa, procedente de Genova, porque havia peste em Marselha», é a perpetuação pela troca d'uma tolice authentica, perpetrada por um desembargador qualquer, conselheiro da fazenda. Outras figuras não é difficil achar traços stereotypicos do marquez de Marialva, de Pina Manique e do arcebispo de Thessalonica, o crasso e omnipotente confessor da rainha.

Lá temos tambem as aditrichezas, os motes, os cantos ao cravo, o *lundum*, o phrasedado metaphorico, a sensualidade alambicada, o preciosismo effeminado dos homens, e toda a requinte sciencia dos *signes* usados pelas damas. De sorte que, em tres breves actos e n'uma simplissima successão de scenas, Marcellino Mesquita conseguiu evocar com todo o relevo os traços essenciaes d'essa época feiratica e inquisitorial, nunca assazmente anamethasada, dos *fadinhos*, dos *autos de fé*, das *grades* e dos *outeiros*.

No entanto, segundo o nosso modo de vêr, o illustre dramaturgo foi exacto, sim, mas exaggerando. A graça de muitos dos seus ditos, a complicada agudeza e o chiste de algumas das situações que nos apresenta, conspiram com o deslombamento affugente do scenario de Manini, para nos darem das pessoas e das coisas d'aquelle tempo uma noção excessiva. Em Franca, sim, os costumes chegaram a esse paroxismo galante, a esse requinte supremo do refólio e da intriga. Entre nós, não; aqui a época era tão chata, arrastava-se os espiritos n'um tão formal ladeamento de bestialidade e ignorancia, que nem no ridiculo tinhamos alma de ser notados. Actual, nem a esquizophrasia nacional tinha caracter, nem o galanteio e a chalça conseguiam passar de bernardices. Dil-o muito bem Oliveira Martins: «No-breza e clero, de mãos dadas, sentiam a necessidade de continuar a comedia do tempo de João V, que o impertuno ministro (Pombal) viera interromper. Mas o abalo do terramoto amesquinha ainda mais os espiritos, e a restauração do Portugal classico demonstrou a realidade de um verdadeiro entremez idiota. Nem para farças ou para operas, como as do tempo de D. João V, havia já nervos.»

Tinha em verdade chegado ao alto grau de desorganização e abatimento esta sociedade beata e frivola, *torço-de-atacar*, em que se acreditava na condescendencia milregrada dos santos e se executava mulheres accusadas de comêrem creanças. Por um nobre e ardente impulso de artista, o sr. Marcellino Mesquita escasiou um pouco, ampliando-o, o quadro; quiz dar espirito á hypocrisia, imaginando poder attribuir faccias e donaires a quem não era susceptivel senão de effeitos de arrieiro. Abençoado peccado esse, entretanto, que teve por effeito pintar-nos ainda com maior realce todos os precalços, crimes, abusos e vicios d'esse tempo abominavel, em que, segundo *O Reino da Estupidez*:

«E' tão devoto, tão são tiero, ...
Romariz, sovexna, viza sacra...»

E teve tambem o merito, não pequeno, de com desassombrosa audacia nos pôr assim dentro dos olhos defeitos, prejuizos e ridiculos que em boa parte estão sendo, outra vez, de nossos dias...

Agulhas e afinetes

E' o titulo da nova *Revista do anno*, original de Eduardo Schwalbach, agora posta em scena no theatro da Rua dos Condes, com o mais lisongeiro exito, e na qual nós rejubilamos por vêr em plena e triunphante evidencia, mais uma vez, a exuberante velle caustica, o poderoso talento de comediographo, do seu vivo e infatigavel auctor.

No dia da primeira representação da revista, o primeiro cartaz que nós vimos a uma esquina, annunciando-a, foi á direita do nosso caminho, o que entre gente de theatro é tido por bom agouro. Tambem, um outro prejuizo tido por infallivel na complicada serie de *enguiços* que proscenio a dentro impyera, é que é sempre bom vêr mais principios ás coisas. Pois com a actual temporada na Rua dos Condes assim succedeu. Espectaculos a retalho, intervallos e raros; depois, de repente, portas fechadas, tapumes em volta. Andava-se em obras... — explicava o porteiro da caixa com o ar malicioso. Passadas algumas semanas a rebocar paredes e tirar

lixo, nova dôse minimas de recitas, e logo nova interrupção. — Eram mais obras... iam-se converter as frisas em *bagnoires*, lazer do bathão uma especie de *paraiso* dos ricos.

E assim por aqui fóra, claudicando, arrastadamente, a empresa do Valle lá atacando a época, e ao mesmo tempo preparando com a nova revista uma desforra brilhante.

Forçoso é confessar que este começo tão pouco auspicioso foi common a muitos outros theatros de Lisboa, que tiveram de lutar e sacrificar-se para conseguir que o *vento* mudasse.



Garoto de jornaes (Lopic, Ho)

Está sendo entre nós d'uma difficuldade verdadeiramente exasperante, hoje, compôr uma revista que reuna bastantes condições de agrado. As successivas restricções policiaes, cerceando liberdades, cortando pelos mais baratos recursos scenicos, levaram os autores a este apuro. A critica directa, a allusão pessoal, não são ás figuras sociaes dominantes, como aos agentes da auctoridade e da ordem, fóram absolutamente prohibidas. Desappareceu assim uma das mais seguras fontes para o agrado popular, n'este genero theatral; o publico, deixando de apprehender directamente e de relance, pela caricatura ou o comentario picante, a personagem visada, desintereza-se do assumpto. A critica embullhada em allegorias não o diverte tanto. E, assim, só a poder de muito e real talento, debruado de muita e esufiante graça, é que algum raro conseguirá fazer, como Schwalbach, revistas que, á maneira das do outro tempo, dêem centenas seguidas de representações.

Não tratamos de apreciar agora o pretense alcance moral das sobreditas restricções policiaes. Apenas notamos, no entanto, que em tempos que não vão longe, eram de bem menores susceptibilidades, — provavelmente porque tinham tambem maior envergadura, — os dirigentes da nossa politica e da nossa sociedade. Não se arreceavam elles de que a exploração do ridiculo lhes restringisse o poder ou amesquinhasse a figura. Lembram-se todos ainda de que Fontes, o olympico Fontes, nunca se preoccupou porque em qualquer theatro infimo o figurassem delidando o classico cavauinho. Um nobre e heroico vulto houve ahi, — d'essa épica coorte dos nossos velhos liberaes, — cujos meindrosos brios grandemente se molestavam de ser achincalhados em scena: era o marechal Saldanha. Mas, para o poupar, o seu collega Rodrigo da Fonseca, — que viaja bem á politicos de hoje, — não recorreu a regulamentos draconianos, não precisou parapeitar-se com as façanhudas hierarchias do governo civil. Nada d'isso! Mais tolerante e mais largo, limitou-se a mandar chamar o empresario do theatro, e disse-lhe:

— Homem, você, se precisa por força, lá para os seus ganhos, de fazer caricatura, reproduza-me a mim á vontade... mas o marechal, não! deixe em paz o marechal. Elle embriará com isso!

E foi o bastante.

O caso é que, hoje, aquelle processo facil e infallivel está absolutamente defezido. Hoje o interesse, o movimento, a graça das revistas ha de derivar da critica em globo dos acontecimentos, ha de saltar dos episodios; para o que não basta ser-se habil, é preciso ter-se o talento do *metier*. E este escolho, em que os mediocre vly sossobrando, mais tem servido de evidenciar a superioridade de Schwalbach, cujo espirito critico, largo e subtil, nos apresenta quadros de costumes que são verdadeiras syntheses, successões comicas de acontecimentos a que o comentario *actual* se liga, como nas obras de pura invenção, natural e logicamente.

As *Agulhas e afinetes* devem pois conservar-se largo tempo em scena, porque, para mais, estão postas em pé com desuado primor e luxo; o desempenho é excellento; Valle é o *compadre*, o «Fura»; e até, para em tudo estar com sorte, a empresa do theatro descobriu e aproveitou habilmente agora uma verdadeira *étrole* de revista, — essa azougada e intelligente brasileira, a Lopicco, — que tanto a tempo appareceu a livrar de difficuldades a empresa.

ARIEL BOTELHO.



Fura-Vidas (Valle)



Rei Diabestes (Silva Pereira)



Cincoalho (Jesaina Marques)

BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Impressa no typ. da Comp. Nacional Editora
LARGO DO CONDE BARRO, 50

Editor — LUZ ANTONIO SANCHES
Redac. e administr. — R. IVENS, 53 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	4\$5000	Anno.....	8\$0000
Numero avulso (moeda brasileira).....	2\$5000	6 mezes.....	4\$5000
		3 mezes.....	2\$5000
		Numero avulso.....	\$500

SUMMARY

- Chronica Electronica — BRASIL-PORTUGAL.
- Emile Loubet (Presidente da Republica Franceza).
- Galeria da Imprensa — Dr. José Carlos Rodrigues, José Antonio de Freitas.
- A Varanda do Club — MORRA CARRELL.
- Os agenosos de S. M. El-Rei — ALFREDO GUIMARAES.
- Chronica d'ontos tempos — As toiradas — PISTO DE CARVALHO (Thiop).
- «Os espiritos» — GOMES LEAL.
- Claves.
- Instituições portuguezas no Brazil — VISCONDE DE FARO E OLIVEIRA.
- Alfredo Meneses.
- Mãos.
- A Rainha voadora (Illustrações de Celso Hermínio) — MARIANO FROES.
- Questões actuaes — O Banco de Portugal em 1898 — ANSELMO DE ANDRADE.
- «Ultimo adeus» — JOÃO PENNA.
- Officina portugueza: Fabrica «Confiança», do Porto.
- Péris Faure.
- Galeria Internacional: Typos de belleza.
- Theatros (Illustrações de Celso Hermínio) — ANSELMO DE ANDRADE.
- Nombrados.

Paginas supplementares

- O Brasil-Portugal e o publico.
- Os n.ºs 3 e 4 do Brasil-Portugal.
- A quinzena franceza — LUZ CARNEIRO.
- O Brasil-Portugal e a opinião da imprensa.
- Sciencia facil.
- Horas de ocio.

34 ILLUSTRAÇÕES



O «Brasil-Portugal» e o publico

O exito colossal que tem tido esta Revista no paiz inteiro, e especialmente em Lisboa e no Porto, incita-nos a novos esforços para correspondermos á expectativa publica. O que constitua o nosso vivo desideratum está realisado.

A aristocracia, o commercio, a arte, o sport, a industria, as damas portuguezas, todas as classes que mais alto representam a nossa sociedade, secundando o applauso da imprensa, tem feito um acolhimento tão gentil e tão vasto ao *Brasil-Portugal*, que nos prova ter-se por completo realisado o proposito com o que iniciámos esta publicação: tornar-a interessante, duradoura, agradável, precisa, á sociedade portugueza. E, para melhor ser coroada a esperanza que nos animou, é dever registar aqui um agradecimento publico a todos os nossos compatriotas que viveram no Brasil e residem hoje em Portugal e a todos os filhos d'essa illustre nação que nos dão a honra de ser nossos hospedes, pela forma significativa com que tem mostrado comprehender a utilidade da missão que o *Brasil-Portugal* ao apparecer em publico compendiou no seu programma.

Os n.ºs 3 e 4 do «Brasil-Portugal»

Todas as promessas que vamos fazendo hoje-dos nossos já numerosos leitores reconhecer que são e continuarão a ser fielmente cumpridas.

Assim, ás nossas duas paginas de honra vem hoje dar um alto realce os

Aposentos de S. M. El-Rei

e de novo os directores do *Brasil-Portugal* registam publicamente o seu reconhecimento pela subida gentileza com que S. M. respondeu ao seu apello. Realta-se em tal, ás magnificas reproduções photographicas dos regios aposentos das Necessidades, mas tambem a minuciosa visita áquelles que hoje reproduzimos, o que permitiu ao *Brasil-Portugal* o prazer de poder dar uma descripção detallada, rigorosa, exactissima, das preciosidades archeologicas ou artisticas que se encontram n'essas salas, que o bom gosto e a arte tornaram maravilhosas.

Do nome que subserveu o artigo que accompaña essas gravuras e que vai de futuro accompaña as de outras residencias nobres, é desnecessario falar. Todo o paiz conhece **Alfredo Guimarães**, que tem dedicado grande parte da sua vida ao culto d'esta arte do mobiliario, da archeologica artistica, dos estilos das grandes epochas, arte subtil, complicada, raffinée, cujos aspectos elle conhece todos, e cujos segredos tem devedorado. A favor dos leitores do *Brasil-Portugal* reverte portanto a amabilidade captivante com que Alfredo Guimarães subserveu ao apello que lhe fizeram os directores da Revista.

No nosso n.º 4 daremos os principaes aposentos da **residencia do doutor Alves de Sá**, o grande advogado d'ombé do grande artista, que no seu esplendido, elegante e original palacet de Buenos Ayres, soube reunir ás proprias produções do seu espirito privilegiado, primores da arte nacional firmados por Leandro Braga, Columbano, e outros nomes dos mais notaveis nas diversas ramificações do genio portuguez.

Algumas paginas do nosso numero immediato serão consagradas á França e ao grande acontecimento que tamanha emoção internacional acaba de produzir: a **elevação de Loubet á presidencia**. A parte mais sensacional d'esse acontecimento reproduzi á-ha pela photographura o *Brasil-Portugal*.

Confiamos que muito agrade ás gentis leitoras e leitores d'esta revista a **Galeria internacional** que hoje inauguramos, na qual successivamente irão apparecendo typos consagrados de belleza, que vamos pedir á todas as classes, porque a belleza não tem hierarchias, e a todos os paizes, porque não tem patria.

O que no numero anterior promettemos, cumpri-mo-lo. O nome de **Anselmo de Andrade** firma hoje o primeiro dos artigos exclusivamente escritos para esta publicação. **Questões actuaes** he chama, e bem actuaes são aquellas que por tido primorosa forma e tão alto criterio são tratadas n'esse artigo, pelo qual os nossos leitores poderão reconhecer o empenho com que o *Brasil-Portugal* pretende, por meio dos nomes grandes e consagrados, orientar o espirito publico e elucidar-o no que mais interessante ás questões vitas do paiz.

Tambem pela primeira vez o nome laureado de **Gomes Leal** brilha nas nossas paginas. O poeta das **Claridades do Sul** arrancau ao seu livro em preparação — *A mulher de luto* — a perola que gentilmente nos offerece, com a promessa da sua preciosa collaboração, em verso e prosa, nos nossos numeros seguintes.

A Portugal, e principalmente áquelles que já estiveram no Brazil, deve sobremodesta interessar o conhecimento do que sejam, do que valham, do principio que tiveram, da prosperidade que te-

nham attingido, as **Instituições portuguezas no Brazil**, que tão alto provam o que tem sido, longe da patria, em toda a vastidão do territorio brasileiro, o honrado e fecundo patriotismo dos filhos de Portugal.

Essa secção utilissima inaugura-a hoje o sr. visconde de Faro e Oliveira, que, animado da melhor vontade e do zelo mais acrisolado por tudo quanto é portuguez, está tratando de agrupar todos os elementos fluctuativos para a *Brasil-Portugal* o estudo descriptivo e critico de todas as instituições, que, em numero não inferior a duzentas, se espalham pelo Brazil inteiro, a attestar o que somos e o que podemos. As installações d'essas sociedades benemeritas, dal-as-hemos em gravura, sempre que seja possível, assim como os retratos ou dos seus fundadores ou d'aquelles que mais tenham contribuido para o brilho e desenvolvimento d'ellas. **Mariano Froes**, antigo humorista, faz hoje a sua estreia n'estas paginas, firmando suas phantasias scientificas, em que mostra o adoravel feitio do seu espirito sempre vivo e moço; e o lapis de Celso Hermínio, o director artistico do *Brasil-Portugal*, illustra essas phantasias, da qual tira novos effectos comicos, como os tira tambem da revista de Schwalbach com a apresentação caricatural das figuras principaes. **Thiop**, em assumpto que tanto interessa a portuguezes *Toiradas*, dá-nos o brilho do seu espirito, o encaento da sua forma litteraria, e o rigor do seu paciente e lucido estudo, em que com tanta exactidão tem revelado, em assumptos diversos, e por forma sensacional, o conhecimento das vellas coisas portuguezas.

D'este numero em diante destinamos nos representantes do joralismo um logar no *Brasil-Portugal*. E sob este titulo **Galeria da imprensa** apparecerá todos os quinze dias o retrato do director de um jornal brasileiro ou portuguez. Abre esta galeria o *dr. José Carlos Rodrigues*, proprietario e director do mais antigo jornal da America do Sul, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Seguir-se-ha o *dr. Ferreira d'Aravaj*, redactor-chefe da *Gazeta de Noticias*, e assim chronologicamente irão apparecendo os grandes representantes da imprensa fluminense, aos quaes seguir-se-hão os dos diversos Estados da Republica. Todos estes serão acompanhados dos retratos dos seus correspondentes litterarios em Portugal. Ao lado de José Carlos Rodrigues vir-se-ha portanto o illustre escriptor brasileiro, José Antonio de Freitas, que com tanta elevação representa ha muito em Portugal o *Jornal do Commercio*.

No nosso numero seguinte contamos dar uma bella e inedita **pagina de musica**, firmada pelo nome do illustre compositor e laureado virtuose **Oscar da Silva**, que n'este ramo da arte constituirá a ser collaborador d'esta Revista — pelo que deveras felicitamos as gentes leitoras do *Brasil-Portugal*. A'quellas que nas nossas *Horas de Ocio* encontram um feliz passatempo felicitamos tambem, porque já d'este numero em diante encontrarão a firmar a secção o nome de **F. A. de Mattos**, tão conhecido em Portugal e no Brazil pelo seu ingenho inventivo n'este agradável entretenimento do espirito.

Nas **Paginas Supplementares** outra innovação abrimos hoje: experiencias de **Phisica recreativa**, expressamente feitas para o *Brasil-Portugal* pelo sr. Alvaro de Oliveira, que consagra o tempo que os deixam os estudos medicos a esta tão instructiva e util recreação intellectual.

D'este logar enviamos para o Porto os directores da Revista o seu agradecimento aos srs. **A. Ramos e Augustus**, que tão bizarramente puzeram

os seus prestímos e as suas... objectivas ao serviço d'esta publicação, e aguelo agradecimento enviam ao sr. *Sydolpho Carneiro*, a quem são devidas as primorosas *vistas de Chaves* que apparecem no actual numero.

E, finalmente, injusto seria concluir o nosso rapido programma, sem agradecer a **Araldo da Fonseca**—que, por aqui, encontra novas formas de arte na prosa que escreve e nas photographias que faz—a sua prompta acceçsionia ao convite d'esta empresa para se encarregar de todos os vastos trabalhos photographicos do *Brasil-Portugal*.

A quinzena financeira

Durante a segunda quinzena de fevereiro a situação geral dos mercados europeus conservou approximadamente as mesmas posições que a anterior e, se nalgumas praças a marcha cambial e o mercado de valores do Estado estiveram por vezes mais ou menos movimentados, não foram todavia de molde a influenciar sobre o curso normal das transacções, de modo a affectar directamente a situação economica e financeira geral.

Tanto em Paris como em Londres, a liquidação da primeira quinzena do mez findo justificou as probabilidades que eram de esperar e a que no nosso ultimo artigo fizemos ligeira referencia. Os reportes estiveram mais caros do que haviam predito os mais optimistas, quando o Banco de Inglaterra abaixou a taxa do desconto, não parecendo, contudo, que esta carestia possa exercer immediata influencia.

Os mercados soffreram, como era de prever, fundo abalo com a morte subita do Presidente da Republica Françesa, sr. Felix Faure. Estes acontecimentos tem sempre repercussão no mundo financeiro, e dão sempre, passada a primeira impressão de assombro, logar a que os mais audaciosos, para não dizer os mais babeiros ou os mais especuladores, os aproveitem para os seus negocios.

Foi o que aconteceu, especialmente na bolsa de Paris, na qual houve desassouo e inesperado movimento no dia seguinte ao da morte do illustre Presidente d'aquelle paiz; mas d'esta vez os especuladores não lograram alcançar os beneficios que esperavam, porque o espirito francez, apesar de irrequieto e dado a arrastar-se pelas primeiras impressões, conheceu a tempo o estado da nação, e deu mais uma brilhante prova do seu nunca desmentido patriotismo.

Passado o primeiro abalo, as cotações retomaram approximadamente as suas primitivas posições, sem que as eventualidades viessem agravar a situação monetaria.

Os nosos fundos ficaram calmos: a renda portugueza a 25,90, as obrigações de 4 1/2 % a 203 francos e as de 4 % a 169 francos.

Os fundos brasileiros fecharam em Londres no fim do mez:

10 %	61 1/2
5 % Minas	69 1/2
5 % 1885	69 1/2
Funding 5 %	88 3/4

As obrigações dos caminhos de ferro brasileiros de 4 1/2 %, ficaram a 384 e 390 francos e os de S. Paulo-Rio Grande do Sul 5 % a 348 francos.

Os nossos mercados conservaram, em geral, as mesmas posições, sem grande variante, com que fechou a primeira quinzena de fevereiro.

Os cambios nos ultimos dias do mez mantiveram-se frouxos e em grande calmaria.

O mercado de descontos conservou a mesma taxa e a mesma firmeza, encontrando o papel, mesmo algum secundario, tanto o comprado como o cedido, relativa facilidade, o que prova haver certas disponibilidades, que tem influido na marcha dos negocios, que apresentam boa perspectiva.

A importação do milho, com direito reduzido, em virtude da ultima disposição gover-

nativa e a proxima importação de trigos exóticos, que no proximo mez vai começar, ha de ter a sua natural influencia no curso geral dos mercados, porquanto representa uma consideravel somma de ouro que vai sair do paiz. Este facto já começa a accentuar-se e a fazer-se sentir, pois os moageiros começam a prover-se, consoante as posições do mercado, para satisfazerem as suas proximas necessidades.

Durante o mez de março, é, pois, natural, e tudo leva a suppôr, que o mercado cambial ha de estar mais movimentado e mais incerto do que na ultima quinzena de fevereiro, não só pelo que acabamos de expôr, mas tambem, e muito principalmente, pela indecisão em que a praça se encontra na incerteza da solução das duas questões, em que o governo anda empenhado: o convenio com os credores estrangeiros e o contracto com o Anglo-Foreign-Banking.

A conferencia annunciada para o dia 28, em Paris, com os comités estrangeiros, foi adiada, sem praça ainda fixado, o que leva a crer que as exigencias dos credores externos são taes que o paiz não pode acceptal-as. Durante esta quinzena estas duas questões hão de ter qualqur solução e para o proximo numero a ellas nos referiremos mais de espaço.

O cambio Rio-Londres que durante quasi toda a quinzena rodou, com penqunismos desvios, sobre a cotação anterior, baixou algum tanto nos ultimos dias, sem contudo este facto poder ter grande influencia no nosso mercado, porque tem vindo pouco papel do Brasil e pouco tende a apparecer n'estas proximidades.

LUIZ CARNEIRO.

O «Brasil-Portugal»

A opinião da imprensa

(Continuação)

Do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro:

Brasil-Portugal

Está despertando sensação em Portugal o apparecimento de uma revista quinzenal, illustrada e de luxo, que começou a publicar-se em Lisboa no dia 1 de fevereiro.

A frente da direcção d'ella, constituída pelos nomes conhecidos de dois collegas nossos na imprensa portugueza, os srs. Lorjô Tavares, jornalista e dramaturgo, e Jayme Victor, bem conhecido dos leitores do *Jornal do Brasil*, figura o nome prestigioso do conselheiro cado habito se associou a aquellos nossos dois collegas para, por meio de uma revista illustrada, servir os interesses dos dois paizes, propagando a sua arte e a sua litteratura, advogando a prosperidade da industria e do commercio de ambos, e apertando cada vez mais os laços que fraternalmente os unem.

O nome do glorioso marinheiro cremos que bastará para justificar o êxito que vai ter o *Brasil-Portugal* em todos os Estados Unidos da Republica, onde será recebido com o mesmo alvoroço com que o foi em Portugal, segundo informações de lá.

Basta acrescentar que a nova publicação tem uma capa luxuosamente artistica, consta de 30 paginas, e tem em cada numero mais de 20 gravuras.

Desejamos-lhe longa vida.

Da *Voz Publica*, do Porto:

Brasil-Portugal

Recebemos o primeiro numero d'esta magnifica revista quinzenal, illustrada, lisbonense, intelligentemente dirigida pelos srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares. Cumprindo á risca o seu programma, *Brasil-*

Portugal apresenta-se com um valor d'arte pouco vulgar entre nós. A partir da capa, onde avulta gentilmente o desenho de Gajner reproduzido pelo processo *zincchromic*, todo o numero é um encanto: impecavel a impressão tanto do texto como das gravuras, e escolhida a collaboração, firmada por Jayme Victor, Augusto de Castilho, Macedo Espanca, Luiz Feliciano Marrasca Ferreira, Lorjô Tavares, João de Deus, Olavo Bilac, Barão de Marajó, Moura Cabral, Abel Botelho, etc.

A primeira pagina estampa uma formosa photographura representando Eva Tetrazzini na *Valkiria*; e nas immediatas, entre outras, destacaremos a vista do largo da Nazareth, no Pará, o retrato do nobre presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o conhecido medallão, a vista do Rio de Janeiro e os retratos de Luiz Galhardo, Julio Daniels, Julio Brandão e Raul Brandão.

Dito isto, cumpre-nos agradecer o exemplar recebido.

Da *Gazeta dos Cuminhos de Ferro*:

Brasil-Portugal

O primeiro numero d'esta nova revista illustrada, quinzenal, de que são directores os srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, é uma primorosa manifestação do adiantamento das artes e industrias portuguezas, alliadas á da fabricação do papel *zinc-chromic*, á da producção da photographura, da zinecografia, do novo processo da *zincchromia* e impressão, e sobretudo á de fazer *journaes* que é hoje uma verdadeira arte, pelas difficuldades que ha a vencer, pelos mal detalhes a reunir para se formar uma publicação illustrada como esta, como outra não existe no paiz.

O *Brasil-Portugal* compõe-se de 16 paginas de bellos trechos de prosa e verso, com 22 excellentes gravuras bem impressas, retratos dos governantes dos dois paizes, de vultos notaveis da politica brasileira, artistas, escriptores, etc., vistas do Brasil, allegorias, etc.

Ha ainda mais 4 paginas de assumptos de expediente, programma, receitas e variedades, e em que serão publicadas, de futuro, revistas commerciaes, correspondencias, annuncios, registro de nomes, etc.

Desejamos prosperidades ao novo e brilhante collega, muitas prosperidades, mesmo, porque só com um largo mercado se pode fazer face ás extraordinarias despezas que demanda uma publicação tão luxuosa.

Sujeitar a liberdade da imprensa é diminuir a elevação d'um povo.

SCIENCIA FACIL

CURIOSIDADES—JARDINS E HORTAS.—É exactamente n'este mez de março, em que começa a primavera, que começam tambem os trabalhos de cultura nos jardins e nas hortas.

N'aquelles fazem-se as primeiras sementeiras de todas as plantas annuaes, em vasos ou em canteiros, reservando-se com o maior cuidado possivel das chuvas que possam ainda vir. Semiam-se, entre outras flores, os cravos, as cravinas, os amores perfeitos, as perpetuas, o alceim, a alfazema, os jasmims, os goivos, as boas noites, as verbenas, as dahlias, etc.

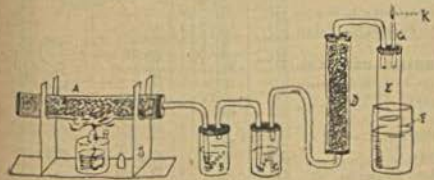
Nas hortas, o estreme deve estar enterrado para poder a todo o tempo ser empregado nas plantações, e sementeiras. Entre as primeiras, contam-se os melões, marmelleiros, damascueiros, ameixoas, amoreiras, pepinos, pêssegos, figueiras, perceiras, laranjeiras, cardos e aboboras: nos segundos, feijão, centeio, milho, grão, alface, espargos, trigo, cenouras, repolhos, couves, cebolas, favas e ervilhas, batatas e morangos. O córte ou a poda devem estar feitos, mas tem de se vigiar o desenvolvimento dos rebentos, para que venham auxiliar a forma que se queira dar ás arvores.

Ainda n'este mez se lançam tambem á terra, as sementes de arvores florestaes, como as de castanhas, de bolotas e de pinhões, etc.

Construção de uma fabrica de gaz em miniatura.—É uma experiencia interessante que exige pouco material, ser executada: tres chaminés cylindricas de vidro (eguaes ás chaminés do bico Auer) tres copos de vidro, algumas rollhas, tubos de vidro e uma porção de greda.

Vamos indicar a maneira de, com este material e com uma porção de raspaduras de cortiça, construir uma fabrica de gaz que pôde fornecer uma luz egual á de doze vellas com duração de uma hora.

Uma das chaminés de vidro enche-se com as raspaduras de cortiça, tapando-se em seguida as extremidades com duas rollhas que são depois lutadas



A chaminé que tem as raspaduras de cortiça (A) é collocada horizontalmente sobre um suporte qualquer (I); por uma das suas rollhas penetra um tubo curvado em angulo recto que vai pela outra extremidade mergulhar no primeiro copo com agua (B), devendo chegar até muito perto do fundo do copo.

Acha-se este copo (B) em comunicação com o segundo (C) por meio de um tubo duas vezes curvado em angulo recto.

Este tubo que no copo (B) não deve chegar á agua, no copo (C), ao contrario, deve mergulhar até ao fundo. É facil comprehender a razão d'isto: os gazes desenvolvidos na especie de distillação soffrida pela cortiça são extremamente leves; tem portanto tendencia a accumular-se na parte superior do copo. Ora, se o tubo, em vez de ficar na parte superior do copo (B), mergulhasse na agua, os gazes accumular-se-iam e fariam sair a agua para o copo (C), e nós o que queremos é que o gaz passe e a agua fique; portanto é necessario que o tubo não mergulhe na agua. No copo (C) já se não dá o mesmo; é necessario o tubo mergulhar até ao fundo para que o gaz soffra uma lavagem.

Deste copo (C) e da sua parte superior parte outro tubo que vai enfiar na rolla inferior da segunda chaminé que está cheia de gosso de presa e sexquioxido de ferro. Esta chaminé (D) é collocada verticalmente. Segue-se o gazometro, que é formado pelo terceiro copo (F) que está cheio de agua e no qual mergulha a terceira chaminé (E) que tem uma rolla na parte superior. O copo (F) não é rolhado, ao contrario do que succede com os copos (B) e (C) que devem ser rolhados perfeitamente. O gazometro é ligado á chaminé (D) por meio de um tubo duas vezes curvado em angulo recto. Na rolla da chaminé (E) está tambem um pequeno tubo, cuja extremidade exterior é aliada.

Armado d'este modo o apparelho, tapam-se todas as juntas muito bem com greda que se deixa secar depois. Enquanto a greda secca vejamos o que representam n'uma fabrica de gaz os diferentes copos e chaminés que nós empregamos.

A chaminé (A) representa as retortas em que se colica a hulha.

O primeiro copo (B) representa o *barrillete*, comprido cylinder horizontal meio de agua.

O segundo copo (C) representa o *refrigerante*.

O segunda chaminé (D) representa as columnas de coque ou *scrubbers*.

A terceira chaminé (E) juntamente com o terceiro copo (F) representa o gazometro.

Finalmente o tubo (G) representa o bico de gaz.

Agora vamos fazer funcionar o apparelho; para isso basta aquecer com uma lampada de alcool a chaminé (A). Sob a influencia do calor a cortiça deixa escapar uma serie de hydrocarbonetos que ardem com uma chamma fuliginosa e cujo cheiro é infecto. É preciso pois purificar-os e lá estão as restantes partes do apparelho onde essa purificação se executa.

A saída da chaminé (A) o gaz vem borbulhar na agua dos copos (B) e (C) onde se condensa o maior parte do vapor d'agua. Passa em seguida na chaminé (D), onde se acaba a purificação e vai armazenar-se no gazometro (E) que funciona do seguinte modo: se o desenvolvimento de gazes é consideravel, estes accumulam-se na parte superior do gazometro, e não achando sahida sufficiente no tubo (G), repellem a agua da chaminé (B) que fica assim quasi despejada; essa agua passa para o vaso (F); se o desenvolvimento de gazes diminui a agua que está no vaso (F) tende, em virtude da pressão atmospherica, a occupar a chaminé (E) e portanto repelle o gaz. Este accende-se á sahida do bico (G).

Não ha processo mais simples.

Horas de ocio

N.º 19

Carta enigmatica

Minha querida 3, 8, 5, 0, 2.

Encontrei hontem no baile de D. 1, 4, 5, 2, a tua prima 6, 5, 6, 4, que realmente está linda como os amores. A nossa amiga, 9, 0, 7, 10 é da mesma opinião. Já a semana passada quando fui ás 3, 2, 7, 6, 9, 8, 1 da Conceição minha 7, 6, 4, me havia falado n'ella com louvor.

Sai hoje a passeio e de caminho comprei, as 7, 10, 3, 2, 5, 8, 1 que te remetto e que darás aos pequerruchos visito que a 4, 3, 2 me disse que são d'ellos por ellas.

Saberás que adoeceu a minha encantadora 10, 5, 2, 5, 8; se morrer, teré de mandar vir outra da 1, 8, 3, 2, 5, 6, 9 onde encontrei a celebre 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

Tua amiga
2, 5, 3, 6, 8.

N.º 20

Logarithmes novissimes

A	Q	C	O	O	Q	P
2	1	2	2	1	1	2

Prescripção

T	D	E	S	G
3	1	3	2	3

Annexim

As respostas devem ser dirigidas a

F. A. DE MATTOS

Afonso de Pinho & Coelho da Silva

CASA DE NOVIDADES

143 a 149 - RUA DO OURO - 145 a 140

LISBOA

Flores e Plântas para chapéus, Corões fonebres, Plântas e Flores artificiaes—Márca para cutellim—Cartões para homens e mulheres—Botões e Vinhos para cravanas—Artigos em metal branco, bronze e bialco—Sempre as ultimas novidades em objectos de phantasia proprios para grandes reciballos directamente da França, Vienna, Londres e Berlin—Parfumaeria e saboetes—Artigos de viagem, Malas e Estopas de barba.

Brazil & Irmão

Armazem de cereaes, legumes, azetile, sabão e outros generos

17, Rua do Instituto Industrial, 21

LISBOA

Telephone n.º 812

V. QUADRI & C.ª

Fabrica de conservas PORTUGAL

Especiaes conservas de todas as qualidades que exporta para os principaes mercados do mundo.

LISBOA—Beco da Bica do Sappato DEPOSITO GERAL

J. Alcinha & Com.ª, P.º FERREIRA, P.º DA L.º DA 111, R. da Prata, 113

Afonso de Pinho & Coelho da Silva

Com acabamento e preços baixissimos. Llavas de pedreira para estovaria, desde 400 reis! Llavas de cozinha muito finas que se lavam com agua e sabão. Llavas de malha de lã com fôrca e sem fôrca, de 300 reis! Llavas de costura sobre panno, pelle de cavallo, Llavas de couro da Russia e ligadas pelas ultimas modellas. Llavas de fio de Escocia e em seda. Executam-se encomendas de qualquer genero de lavas com rapidez e pontualidade.

Hotel Durand English Hotel LISBOA

71, Rua das Flores—Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Assignatura Permanente

A NOVA COLLECCÃO POPULAR

A Tostinegra do Moimho — A Irmãzinha dos Pobres, de Emilio Richebourg.

O Regimento 145, de Julio Mary.

Os Bois Garotos, de Pierre Décaurcelle.

A Filha do Condemnado, de d'Ennery.

Cada tomo de 120 paginas bem impressas em bom papel com 15 gravuras dos melhores artistas francezes.

2\$000 reis moeda fraca

A. A. DE MASCARENHAS & C.ª

Rua do Ouvidor, 38

RIO DE JANEIRO

